

## COTRIJUI NO MERCADO COMUM EUROPEU



Nas páginas centrais, tudo sobre a participação da COTRIJUI na Brasil Export. A foto mostra a visita do ministro Pratini de Moraes ao estande, sendo recepcionado pelo presidente Ruben Ilgenfritz da Silva.

## DEFESA DO MEIO AMBIENTE

A devastação de nossas matas, tem merecido a atenção e a advertência de técnicos e conservacionistas, inclusive do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal. Leia na página 4.



## FAO QUER NAÇÕES LUTANDO PARA SALVAR MEIO AMBIENTE

A formação de reservas básicas nacionais de cereais, suficientes para que cada país em particular tenha um mínimo de segurança para alimentação do povo quando ocorrerem falha de colheitas, é parte de um projeto da FAO, a ser analisado em sua próxima assembléia geral.

Uma proposta concreta de ação internacional destinada a constituir reservas básicas de cereais em cada país, será submetida aos estados membros do organismo, naquela oportunidade.

Baseado em pronunciamentos feitos pela FAO, o COTRIJORNAL deu ênfase em sua edição correspondente ao mês de setembro, do crescimento das populações no mundo sem o conseqüente esforço real de crescimento dos bens de consumo.

Sem dúvida, é digna de registro a preocupação que aquele organismo internacional, pertencente a Organização das Nações Unidas, vem demonstrando nos últimos anos em relação ao perigo crescente da escassez de alimentos.

É sabido que sem alimentação, a humanidade não sobreviverá ao seu próprio crescimento demográfico. Convém chamar a atenção igualmente para o fato de que paralelamente à diminuição da produção de bens oriundos da terra, muitas vezes agindo irracionalmente o homem torna-se assassino do próprio meio-ambiente, destruindo ou danificando o equilíbrio ecológico. O exemplo mais flagrante é a poluição, notadamente nos grandes centros industriais, responsáveis pela destruição da flora e da fauna.

Agora, a FAO pretende fazer ver que a preservação desses meios e bens são de responsabilidade conjunta da comunidade internacional. Nenhuma nação, a qualquer título, deve dispor indiscriminadamente em moldes não preserváveis da ecologia ambiental.

Cada nação em particular, deve zelar para que a Terra, no seu conjunto, seja preservada. A cada indivíduo no mundo a cada um de nós, portanto, cabe responsabilidade pelo êxito desse empreendimento. LEIA NA PÁGINA 4 AMPLA REPORTAGEM SOBRE ESSE PALPITANTE ASSUNTO'.

Com esta edição,  
os Cadernos  
Infantil e de Avisos



**COOPERATIVA REGIONAL  
TRITÍCOLA SERRANA LTDA**

Rua José Hickembick, 66  
Caixa Postal, 111  
Fones, 2160, 2161, 2162  
Inscr. 065/000770  
Inscr. INCRA, Nº 248-73  
C.G.C. 90 726 506/001

**ADMINISTRAÇÃO**

**Direção Executiva:**  
Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva.  
Vice-Presidente: Arnaldo Oscar Drews.  
Superintendente: Clóvis Adriano Farina.

**Conselheiros efetivos:**  
Alberto Sabo, Amaury Marks  
Carlos Rivaci Sperotto, Carlos Krüger, Itelvino Sperotto e Reinaldo Luiz Kommers.

**Suplentes:**  
Alfredo Driemeyer, Elcides José Salomoni, Hugo Lino Costa Beber, Luiz Carlos Kurtz, Renato Fontana e Zeno Foletto.

**Conselho Fiscal efetivos:**  
Bernardo Grimm, Herbert Hintz e Pedro Bizarello.

**Suplentes:**  
Alfredo Schmidt, Nery François e Orgênio Rott.

**Armazéns:**  
Sede - Ijuí ( 98.000 ) T.  
Santo Augusto ( 77.000 ) T.  
Chiapetta: ( 20.000 ) T.  
Coronel Bicaco ( 20.000 ) T.  
Tenente Portela ( 10.800 ) T.  
Vila Jóia ( 20.000 ) T.  
Rio Grande (110.000) T.  
Rio Grande \* (110.000) T.

\* Em construção

**COTRIJORNAL**

Órgão de circulação dirigida ao quadro social)

**EXPEDIENTE**

**Redação e Administração:** Rua José Hickembick, 66. Caixa postal, 111 - Telefone 2160.  
**Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob nº 9**  
Redator Responsável Raul Quevedo, registro profissional no M.T.P.S. 1176, matrícula no S.J.P.P.A. nº 550, sócio da Associação Riograndense de Imprensa nº 1571

**Colaboradores:** Rui Polidoro Pinto, Rui Michel, Frei Matias Vally Arns, Olavo Schütz e Maria Lourdes Sphor.

Composto e impresso nas oficinas do "Jornal da Manhã", - Gráfica e Editora Jornalística Sentinela S. A.  
CGC 87657854/001, rua Alagoas, 454 - Caixa Postal 518, fone 2310, Ijuí 98700 - RS.

# A COTRIJUI EM BRUXELAS

A Feira Brasileira de Exportação - Brasil Export 73 - que se realizou em Bruxelas, foi o maior empreendimento promovido até agora pelo nosso País, em termos de amostragem a âmbito internacional.

Não há dúvida que a nação emergiu como potência industrial, revelando-se estruturalmente capacitada na área de exportação. É claro que o País tem sérios problemas de ordem econômica interna a resolver, sendo talvez o mais sério o que se refere à distribuição da renda nacional. Mas o que se mostrou em Bruxelas e o que o mundo empresarial que gira em torno do Mercado Comum Europeu viu do Brasil, foi a pujança sócio-econômica de um País pleno de realização e vitalidade. Não somente na área dos setores da indústria, mas também no que se refere ao setor primário, ficou patenteada a pujança brasileira.

No que diz respeito a cereais, especialmente a soja, em que o País ameaça explodir em desenvolvimento, a presença da COTRIJUI, através da maqueta de seu Terminal Graneleiro de Rio Grande, foi o fator de maior representatividade.

Pode-se dizer que a Feira marcou uma nova etapa em nossa vida econômica, já que nos permitirá enfrentar a concorrência internacional no próprio terreno dos países industrializados. A COTRIJUI, por sua vez, por ter comparecido àquela mostra a convite da CACEX, marcou também uma nova era no campo do seu relacionamento comercial internacional. **LEIA REPORTAGEM ÀS PÁGINAS CENTRAIS.**

# COMUNICAÇÃO

Contava Le Sage, pela voz de seu personagem máximo - Gil Braz de Santilhana - que dois estudantes viajavam a pé de Panafiel para Salamanca. Cansados e sedentos, detiveram-se junto a uma fonte para saciarem a sede. Já refeitos, ao olharem para o chão, viram uma lage na qual estavam gravadas algumas palavras já quase de todo apagadas pela ação do tempo. Levados pela natural curiosidade, limpam-na e leram a seguinte frase escrita em espanhol: "Aqui jaz encerrada al alma do licenciado Pedro Garcia".

O mais moço dos estudantes riu-se e comentou: "Que pilhéria, uma alma encerrada". E, assim dizendo, levantou-se e prosseguiu viagem. O companheiro, mais refletido, pensou consigo mesmo: "Aqui há gato escondido. Vou ficar para examinar o que é".

Tão pronto o companheiro desapareceu na primeira curva da estrada, pôs as mãos à obra. E tanto fez que levantou a lage, encontrando uma bolsa de couro com 100 ducados e um bilhete que dizia: "Tu, que tiveste bastante espírito para decifrar a inscrição, sê meu herdeiro e faz melhor uso deste dinheiro do que eu. Recabe-o como prêmio à tua curiosidade".

Sem a pretensão de imitar uma caixinha de surpresas, o COTRIJORNAL, que se lançou à faina de se fazer entender pela laboriosa classe do agricultor, tem em vista as pessoas com espíritos sagazes, não absolutamente para decifrar enigma como o exposto por Le Sage, mas pessoas que entendam a comunicação que lhes é dirigida.

Se na soma de resultados o COTRIJORNAL encontrar em seu caminho um número maior de leitores que se identifiquem com o mais refletido dos estudantes, então nós estaremos recompensados. E pelo que se deduz dos resultados obtidos até aqui, estamos conquistando aceleradamente esse desiderato, em prol da comunicação.

# AINDA A REPERCUSSÃO PELO COTRIJORNAL

Continua obtendo repercussão o lançamento do COTRIJORNAL. Damos nas linhas abaixo, novas manifestações de aplauso e apreço em relação ao acontecimento.

Da OCEPAR - Organização das Cooperativas do Paraná, assinada por seu diretor-executivo, recebemos: Curitiba, 15 de outubro de 1973. Prezados senhores. Servimo-nos da presente para acusar e agradecer a remessa do COTRIJORNAL, com conteúdo de alta qualidade. Parabenzamos com a iniciativa, formulamos votos de sucesso contínuo do periódico, prestando serviços a essa entidade e classe cooperativista.

Colhemos o ensejo para deixar esta organização ao inteiro dispor de Vv. Ss. e apresentar nossos protestos de estima e consideração. Saudações cooperativistas. Nelson Victor Trombeta, diretor-executivo.

## CONDECRER

Da CONDECRER - Administração-Consultoria-Planejamento, de São Paulo, assinada por seu diretor, o gaúcho dr. Paulo De Boer:

Prezado amigo Raul Quevedo. Recebi o COTRIJORNAL, que li com muito interesse. O jornal está magnífico e estou certo que contribuirá grandemente para o aprimoramento da economia de nossa querida Querência. Gostarei de recebê-lo regularmente. ass. Paulo De Boer.

## PREFEITURA DE CHIAPETA

Do sr. Júlio Kronbauer, prefeito municipal de Chiapeta: Dr. Ruben Ilgenfritz da Silva. Com a presente, tomamos a liberdade de dirigir-nos a V. S., com a finalidade especial de levar ao vosso conhecimento e agradecer-lhe de antemão que esta Prefeitura está recebendo das mãos de vossos funcionários, o COTRIJORNAL. De nossa parte, o jornal está merecendo atenção especial, sendo ainda de peculiar destaque entre os associados. Aproveito a oportunidade para apresentar a V. S. o nosso penhorado agradecimento pelo envio do jornal e pela atenção que tendes para com os associados deste município. Atenciosamente, Júlio Kronbauer - prefeito municipal



# AGUARDADA DEFINIÇÃO DE UMA POLÍTICA TRITÍCOLA

A partir da época em que foi instituída a compra estatal do trigo, a lavoura passou a demonstrar regularidade de produção. Durante os 12 anos que nos separam da implantação da estatização da compra do cereal, o que ocorreu em 1962, só em dois anos ocorreram safras fracassadas: 1963 e 1972.

A declaração é do dr. Antonio Carlos da Silveira Abbot, diretor do Departamento Geral de Comercialização do Trigo - CTRIN, que vê na continuidade do sistema e ainda na implantação de uma política tritícola governamental definida por programas quinquenais, a condição para o nosso País transformar-se em poucos anos, num dos grandes produtores tritícolas do mundo. O dr. Abbot prevê que o alargamento das fronteiras da produção de trigo, no Brasil, dar-se-á com a inclusão do sul de Minas Gerais e o Planalto Central, destacando-se o Estado de Goiás e o sul de Mato Grosso. Ressaltando nossas potencialidades para a triticultura, disse que não há como ser pessimista relativamente às nossas possibilidades. Se em cada seis anos sofremos um revés de produção - enfatizou - a média global nos é bastante favorável. Em todos os países produtores tem havido frustração de safras. México, Estados Unidos, Canadá e Rússia, em seguidas oportunidades, têm vivido esses problemas. Daí não haver razão para os derrotistas da nossa triticultura argumentarem em termos contrários à produção do cereal no Brasil.

## ÁREA MENOR

Sobre a área cultivada no Rio Grande do Sul nesta safra, cuja diminuição a CTRIN estabelece em 30%, o dr. Abbot diz não haver dúvida que a fixação do preço em bases inferiores à expectativa do produtor, foi a causa do fenômeno. Além do mais, a soja se transformou em lavoura principal, tanto em preço como em rentabilidade. Como o preço estabelecido para o trigo por antecipação, desagradou o produtor, este deliberou deixar a terra inculca no inverno, mas preparando-a, no entanto, para receber mais soja do cedo.

## PREÇO: FATOR IMPORTANTE

O dr. Abbot considera o preço hoje, um fator determinante para a ampliação da nossa triticultura. Disse que os agricultores estão atentos aos preços vigentes no mercado in-

ternacional. A fixação de um preço compensador para o produto, fruto de uma política definida em planejamento para execução a prazo longo, será a motivação que o agricultor espera para produzir.

Sua senhoria chamou a atenção para o efeito multiplicador do trigo, que apesar de alguns revezes de safras, tem sido fantástico na expansão da economia gaúcha e brasileira. Para o dr. Abbot, a triticultura foi responsável pelo surto de mecanização da nossa agricultura. O trigo nacional, mesmo como ocorria há tempos atrás, a preços superiores ao mercado internacional, era altamente benéfico à economia brasileira. Pois o efeito multiplicador da riqueza o justifica.

Este ano, nossa produção poderá alcançar 1,5 milhão de toneladas, dos 4 milhões que consumimos. Quer dizer que necessitaremos importar 2,5 milhões de toneladas. Aos preços atuais, essa importação nos custará 500 milhões de dólares. E o pior, essa evasão de 500 milhões de dólares em divisas, não terá praticamente nenhum efeito multiplicador na economia brasileira.

## POLÍTICA DO TRIGO

O dr. Abbot prevê para breve a adoção de uma política governamental específica para o trigo. Ele enumera a quantidade de riscos que o produtor corre para produzir a uma margem de lucro de mais ou menos vinte por cento. Considera que um produtor agrícola que pense em termos empresariais - e o produtor agrícola na sociedade em que vivemos necessita pensar e agir em termos empresariais - não arrisca o seu patrimônio para ganhar apenas esses vinte por cento. Ressaltou que o Governo, através do PROAGRO (Programa de Garantia da Atividade Agropecuária), demonstrou preocupação pelos riscos a que está sujeito o produtor. E isso é um sinal de que poderemos estar às vésperas do lançamento de um programa com vistas à triticultura brasileira, finalizou o dr. Antonio Carlos Abbot.



O dr. Abbot em declarações ao redator.

## Produção mundial de trigo

O Conselho Internacional de Trigo informou que a produção das colheitas 1973-1974, nas principais zonas tritícolas do mundo, será de aproximadamente 321 milhões de toneladas.

Em seu informe sobre o mercado, o Conselho também revela que as reservas mundiais do produto, no fim da atual colheita, descerão para 23 milhões de toneladas.

Acrescenta que as necessidades mundiais de importação para a mesma colheita serão de aproximadamente 66 milhões de toneladas, mas haverá disponibilidades para exportação de apenas 57 milhões de toneladas, o que demonstra a existência de um deficit de nove milhões.

O Conselho adverte sobre a possibilidade das Nações em desenvolvimento, que consomem 50 por cento do trigo exportável no mundo, não

terem dinheiro para comprar todo o cereal de que necessitam, devido às altas de preço ocorridas no ano passado.

A maior crise de alimentação animal se apresenta nos nove países do Mercado Comum Europeu, especialmente na Inglaterra, onde a proibição parcial das exportações de soja dos Estados Unidos causou um grave problema.

O MCE, que no início do ano, fixara uma cota de exportação de 11,6 milhões de toneladas de trigo, decidiu agora reter mais três milhões de toneladas, reduzindo assim a apenas 8,6 milhões a quantidade destinada à exportação."

Fontes bem informadas revelaram que os altos preços atuais do trigo criam uma situação crítica para os mercados futuros,

## O TRIGO COMO ARMA DE PAZ

"Por que vocês acham que os russos ficaram passivos quando os Estados Unidos colocaram minas no porto de Haiphong, há um ano? "

Essa pergunta foi feita pelo secretário da Agricultura norte-americano, Earl L. Butz, durante uma entrevista à imprensa concedida há pouco, em Washington, e ele próprio respondeu:

- Porque precisavam do trigo dos Estados Unidos e uma das condições impostas pelo presidente Nixon para vendê-lo a preços baixos, foi a de que aceitassem, sem contestação, a política adotada pela Casa Branca para tentar acabar com a guerra no Sudoeste Asiático.

Na mesma ocasião Butz disse aos jornalistas que durante uma reunião na Casa Branca, Nixon lhe perguntou se ele tinha conhecimento da importância do papel desempenhado pelos alimentos norte-america-

nos nas conversações que manteve com dirigentes russos e chineses há um ano.

"A necessidade de obter os produtos alimentícios - ele disse a Butz - levou os governos de Moscou e Pequim a exercerem sua influência sobre os norte-vietnamitas, no sentido de parar a guerra". Eles necessitavam de gêneros agrícolas, especialmente trigo, nós os tínhamos e eles pagaram um preço para obtê-los. O preço foi determinado em função da paz mundial, sentenciou o secretário Earl Butz.



# PRESERVAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS DO PAÍS

A criação da Secretaria Especial do Meio Ambiente, no conjunto de medidas-impacto lançadas à 30 de outubro último pelo Presidente da República, é sem dúvida a que maior expectativa merece. Com o objetivo específico de proteger a natureza da devastação a que vêm sendo expostos os bens naturais, a medida, oficializada em decreto presidencial, merece todo o apoio e aplauso.

O Rio Grande do Sul, onde o desmatamento progressivo já reduziu a menos de um décimo o total de florestas nativas, parece ser o Estado onde a devastação vem atingindo os maiores índices.

E o pior é que não há, para compensar os constantes desmatamentos, a existência de um reflorestamento sistemático, apesar da legislação em vigor, através do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal.

O delegado do organismo no nosso Estado, sr. Júlio César Corrêa, tem confirmado que o índice de florestamento é baixo. Para ele, o desmatamento só poderá ser balanceado se o Estado plantar o equivalente a 100 mil hectares anuais de árvores durante os próximos 40 anos.

## BRASIL: UM DESERTO

O paisagista e arquiteto brasileiro, Burle Marx, diz que a sensação que se tem é que o Brasil caminha a passos largos para transformar-se num deserto. E quando tal acontecer, haverá uma modificação climática que trará gravíssimas consequências ao País. Essas declarações constam de

documento que o paisagista enviou ao Conselho Federal de cultura, alertando para a destruição da flora e da fauna, em diversos Estados brasileiros.

## IBDF RECONHECE A DEVASTAÇÃO

A abertura de estradas na Amazônia e outras como a Rio-Santos, e Imigrantes, vem causando a devastação de grandes parcelas de recursos naturais do Brasil.

A declaração pertence ao engenheiro Alceu Magnanini, diretor do Departamento de Pesquisas do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, que afirma a seguir que o Instituto nada pode fazer para coibir o mal, uma vez que se trata de mero organismo consultivo. Para o técnico, o estabelecimento de uma política federal de preservação florestal com a consequente conscientização nacional para o problema — declarou — é a única forma de evitar os prejuízos que a natureza vem sofrendo no Brasil.

Em palestra recente proferida em São Paulo, no I Fórum de Debates so-

Ao retornar para o Rio após extensa viagem, disse: "os rios estão secando e os peixes desaparecendo. As estradas são construídas de forma a encurtar as distâncias, não levando em conta a topografia. Os cortes são violentos e os barrancos estão desmoronando; a erosão age sem encontrar obstáculos e os problemas de proteção das nascentes, estabilização das encostas e outros, cada vez são mais constantes".

bre o Progresso e Desenvolvimento do Litoral Paulista — Prodel — Alceu Magnanini explicou que essa conscientização só será possível com a aprovação do projeto que reestrutura o IBDF, atribuindo-lhe poderes de coordenação junto a todos os ministérios ligados à ocupação do solo.

Para Magnanini, da forma como vem se desenvolvendo o reflorestamento no País, não levará a nada, "pois quando se chega a plantar uma árvore o solo já está completamente esgotado. Outro problema atual é que se planta arbitrariamente, sem pesquisar qual a variedade de vegetação ideal".

## O PERIGO DAS LAVOURAS DE ENCOSTA

Quem viaja pelas regiões coloniais do Rio Grande do Sul, constata facilmente o tipo de agricultura predatória que o produtor é obrigado a praticar. Basta olhar as lavouras de morro, com encostas de aclive de até 90 graus, para se concluir que a erosão ali é das mais fantásticas que pode ocorrer.

Por essa razão, nossos rios são barrentos. Barrentos e venenosos. O barro é oriundo da terra das lavouras próximas, levadas de roldão pelas enxurradas que descem as encostas. E o veneno, que mata os peixes e torna-se perigoso até para a vida humana, também é resultado da erosão. Os venenos — herbicidas e inseticidas — lançados no combate as pragas e doenças que atacam as lavouras, descem com a primeira chuva deslocando-se para esses rios.

Evitar as lavouras localizadas em encostas, é de importância vital para conter a erosão e garantir a pureza dos rios.

A esperança imediata é que a Secretaria Especial de Meio Ambiente — SEMA — recentemente criada pela Presidência da República, ponha em prática uma política de meios para que o produtor rural, principalmente o pequeno produtor, o minifundiário, não precise tentar arrancar cultivo de terra de encosta, onde além da produção ser extremamente difícil e sua rentabilidade bem menor, há o grave problema da erosão e consequente envenenamento dos rios, que estão matando nossos peixes e pon-do em risco a própria vida humana.

## CULTIVO DO PAU-BRASIL

Em sua edição de 23 de setembro, o jornal "O Estado de S. Paulo", publicou comentário aplaudindo sugestão feita por um outro jornal paulista, o "Correio de Barretos", defendendo a idéia de plantar nas praças daquele Estado, o pau-brasil. Dado que o referido comentário se enquadrava no espírito do COTRIJORNAL, transcrevemo-lo em parte, dedicando

aos senhores prefeitos da região. O comentário é do seguinte teor:

O "Correio de Barretos" sugeriu que se plantassem na cidade alguns pés de pau-brasil. E apelou para a secretaria da Agricultura, a fim de que chegassem até lá as necessárias mudas, que todos sabemos serem de obtenção difícil, uma vez que se trata de espécie ameaçada de desaparecimento. O apelo foi atendido. E encontrou imitadores. A "Tribuna de Ituverava" também pede mudas para seus jardins públicos e patios das escolas.

É digno de louvor o gesto dos que assim procuram enriquecer suas cidades com a presença de exemplares raros de nossa flora e, no caso, tão evocadores da riqueza e da história de nossa Pátria. Serão essas árvores, por certo, motivo de inesquecíveis lições, quando em seu derredor se reunirem as classes de jovens estudantes para colocar ao pé delas uma placa que recorde ter sido dessa preciosa espécie vegetal que derivou o nome do Brasil. E quantas e quantas oportunidades não haverá, para que aí se realizem cerimônias cívicas que toquem a alma das novas gerações.



Derrubadas e posterior queimada, símbolo da destruição. Infelizmente esse espetáculo de terríveis consequências é danoso ao nosso país.



# RUÍNAS DE SÃO MIGUEL: APELO À CONSERVAÇÃO

Durante um período superior a 150 anos — de 1610 a 1768 — dois milhões de índios, ocupando os vales dos rios Paraná, Uruguai e Paraguai, viveram, lutaram e morreram sob a orientação dos padres da Companhia de Jesus, contra os ataques de espanhóis e portugueses, que se revezavam na luta pela conquista desta parte das Américas.

Corpus Christi, San José, Concepción, Apóstoles, Itapúa, Mártires, Yapeyu, Misiones, Iguazu, Guaira, no Paraguai e Argentina e São Miguel, São Nicolau, São Borja, São Luiz, São Lourenço e São João, no território brasileiro, com uns poucos conservando ainda as ruínas de suas fortalezas, são alguns dos nomes que identificam aqueles tempos de lutas e heroísmo, onde a ação rapace do conquistador se impôs à primeira tentativa humana de vida em comunidade igualitária.

As reduções jesuíticas na América são sem dúvida um mundo a desafiar os estudiosos e sociólogos. Foi a experiência mais longa em termos de vida comunitária, onde as populações dividiam coletivamente as suas lutas, suas dores e suas alegrias.

## SÃO MIGUEL

Nesta reportagem falamos das ruínas de São Miguel Arcajo, em Santo Ângelo. Esse reduto, que não foi o primeiro a ser construído em território brasileiro mas foi o mais importante à sua época, e o único que conserva ainda em suas ruínas cobertas de hera, as características da antiga cidadela que foi até meados do século XVIII, quando foi definitivamente arrasado pelos portugueses.

Fundado pelo padre Cristóvão de Mendoza, a quem se atribui a introdução da pecuária no Rio Grande do Sul, foi de todos os Povos o que mais se desenvolveu, constituindo-se na Capital das Missões Orientais. Foi sempre o mais populoso e rico dos Sete Povos. Seu templo cuja reconstrução parcial e sem

nenhum critério artístico foi feita por volta de 1940, mostra a grandeza do que foi aquela casa de fé.

O suntuoso templo foi construído pelo arquiteto italiano João Batista Primoli, que posteriormente tornou-se irmão leigo dos jesuítas, incorporando-se definitivamente à Companhia de Jesus.

Há duas etapas na história da Redução de São Miguel. A primitiva data de 1632, construída pelo já referido padre Mendoza. Localizava-se à margem direita do rio Ibicuí, tendo sido destruída pelos bandeirantes paulistas. O local onde se encontram hoje as ruínas, na bacia do rio Piratini, data de 1690

## APELO À CONSERVAÇÃO

Não há dúvida que o local da histórica Redução marcha aceleradamente para a destruição final. Os paredões da nave do templo e a torre direita — única ainda existente, dão mostra da fadiga dos dois séculos de existência. O peso dos tempos vai aos poucos, mas constantemente, desaprumando os paredões que em alguns ângulos ameaçam ruir.

O Rio Grande do Sul, que é tão rico em feitos épicos através de séculos de luta pela conquista e consolidação do território, mas que em compensação é tão pobre de monumentos concretos à perpetuação desses mesmos feitos, precisa conservar as ruínas de São Miguel. Elas simbolizam a cidadela gaúcha; o espírito de resistência do Rio Grande guerreiro.

No silêncio das ruínas, só interrompido pelo gemer do minuano, que parece carregar du-

endes em seu sopro pampeano, há uma parcela ponderável da história do Rio Grande antigo. Cabe a nós, a responsabilidade por sua conservação.

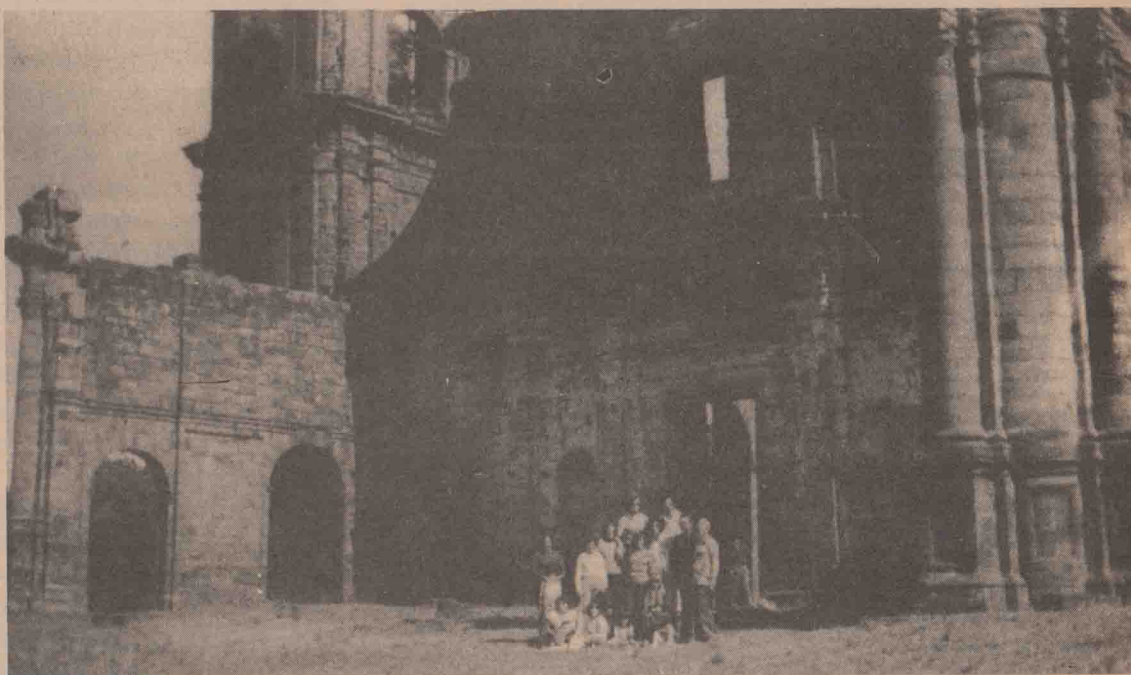
No local, existe o Museu Missioneiro que guarda muitas das relíquias das Missões; até um restaurante foi construído

para a exploração econômica do local turístico. Mas, lamentavelmente, as ruínas ameaçam cair e o cemitério está tomado pela mata bruta. Entendemos ser chegada a hora de uma vistoria ao local. Apelamos ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, à Secretaria do

Turismo e a quem mais tenha vinculação com a preservação da história riograndense, a atenção para as famosas ruínas de São Miguel. Elas retratam um monumento ao passado do Rio Grande, à sua conquista e consequente consolidação ao território brasileiro.



Vista geral do templo



A parte frontal, com turistas



Detalhe das rachaduras em um dos paredões

## ESPECIALIZAÇÃO EM PULVERIZAÇÃO AÉREA

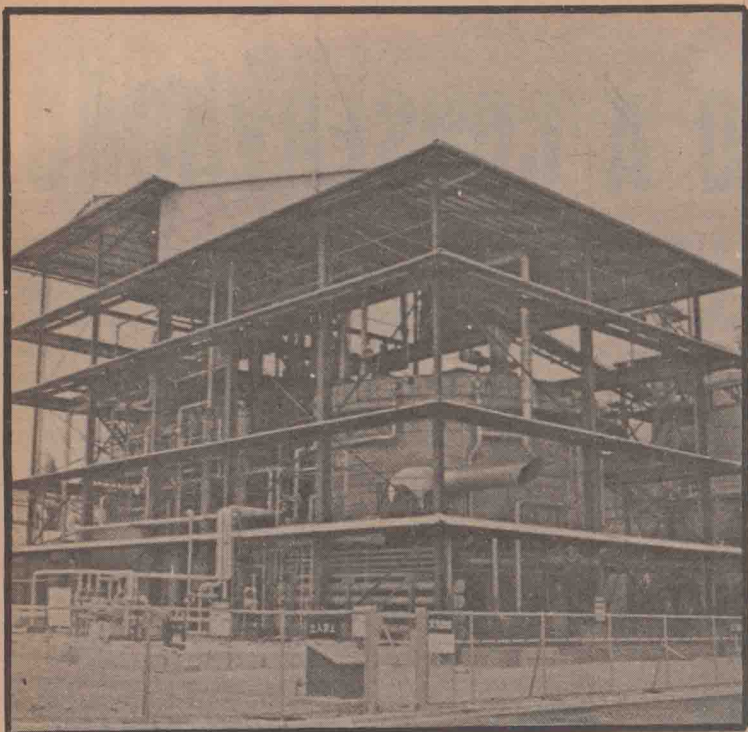
Dois componentes do Departamento Técnico da COTRIJUI — o engenheiro-agrônomo Alberto Parenti Filho e o técnico agrícola Neri Mallmann, concluíram em São Paulo o curso de coordenadores técnicos em aviação agrícola.

O curso, que se realizou na Fazenda Ipanema, órgão do Ministério da Agricultura localizado em Sorocaba, desenvolveu-se de 15 de outubro a 15 de novembro, com a presença de engenheiros-agrônomo e técnicos

agrícolas de todos os estados do Brasil.

Esses cursos que vem sendo desenvolvidos pelo Ministério da Agricultura, capacitando pessoal para o desempenho da importante tarefa de apoio técnico à aviação agrícola, tem em vista acompanhar o desenvolvimento que esse setor vem sofrendo, principalmente agora quando se insiste também na aprovação do sistema de uso noturno da aviação para fins agrícolas, do qual a COTRIJUI é parte defensora.





Fábrica de óleo de Yoshihara Oil Mill, de Osaka, que forneceu dados referentes a qualidade da soja brasileira, exportada pela COTRIJUI

## JAPÃO, O GRANDE MERCADO PARA A SOJA BRASILEIRA

O diretor-presidente da COTRIJUI embarcou com destino à Feira Brasileira de Bruxelas, via América do Norte e Ásia, tendo visitado algumas cidades dos Estados Unidos e do Japão. De Tóquio, em vôo direto, fez escala em Moscou, de traslado para a Suécia, de onde seguiu direto para a Bélgica.

Detalhando o roteiro da viagem, começou pelos Estados Unidos, onde observou o transporte na grande região produtora do Mississipi e posteriormente, a violência dos negócios na famosa bolsa de cereais de Chicago, organismo que dita as normas e estabelece os preços de soja, trigo, milho e outros produtos, no mundo.

Deteve-se em observações a respeito dos transportes naquele país, onde há a predominância transporte fluvial, o que é feito com grande rapidez, eficiência e economia.

Os americanos colheram uma safra de soja de cerca de 45 milhões de toneladas. Esse volume é superior em nove milhões de toneladas à safra de 1972.

Esse acréscimo de produção, no entender do presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, naturalmente vai se refletir nos preços da soja em todo o mundo. Caso não surja nenhum fato novo, o dr. Ruben considera que o preço da soja para a safra de 1973/1974, dificilmente alcançará os mesmos preços da última safra.

### JAPÃO: O GRANDE MERCADO

Mas a grande perspectiva, no dizer do presidente, é o Japão. Grande consumidor de soja, o chamado país do sol nas-

cente é comprador potencial de toda a soja que produzirmos. 600 mil toneladas do grão são consumidas anualmente no Japão, transformadas em produtos diversos e 2.600 mil toneladas transformadas em óleo comestível.

No que se refere a soja, o Japão se afigura muito mais atraente para o Brasil, do que a área do Mercado Comum Europeu.

O dr. Ruben ficou muito impressionado com o sistema de cultivo vigente no Japão, onde cada palmo de terra é aproveitado ao máximo. Disse que a soja é cultivada entre as propriedades, em pequeninas nesgas de terra e inclusive sobre os terraços.

Como há escassez de terra cultivável, apesar da alta tecnologia aplicada na agricultura e os sistemas de cultivo intensivo, o Japão importa a maioria dos gêneros e víveres que consome. Daí a importância do mercado que representa para o Brasil.

O presidente da COTRIJUI viu com muita satisfação a aprovação integral da nossa soja no Japão, no teste de qualidade. Análise procedida pela firma Yoshihara Oil Mill Ltd. de Osaka entre a soja brasileira exportada pela COTRIJUI e a soja norte-americana, os resultados foram os seguintes, que com a permissão da própria Yoshihara, transcrevemos abaixo:

	SOJA DA COTRIJUI	SOJA AMERICANA
Umidade:	11,78%	11 a 12%
Teor de óleo:	20,71%	19 a 20%
Impurezas:	0,78%	1%

# COTRIJUI MOSTRO NA ÁREA DO M

Para o diretor-presidente da COTRIJUI, dr. Ruben Ilgenfritz da Silva, o que está faltando para o empresariado brasileiro é maior agressividade em termos de conquista de mercados internacionais. Ele refletiu que viu na Bélgica, sede do Mercado Comum Europeu, onde esteve de 7 a 16 de novembro, como a grande perspectiva do mundo financeiro na atualidade. A Bélgica, em termos de mercadologia, significa a Suíça em questões financeiras, por sedear os mais sólidos e sigilosos bancos de depósitos internacionais. Quer dizer: se a Suíça simboliza o sistema financeiro ocidental; a Bélgica sede do Mercado Comum Europeu, simboliza o sistema econômico do Ocidente, com sua agressividade de mercado, sua concorrência e suas opções.

E o Brasil — através da Brasil Export — teve a sua economia refletida nesse mercado. Isso, para o presidente da COTRIJUI, representa o maior mérito da Feira Brasileira de Exportação, que o Governo brasileiro promoveu.

O local da mostra brasileira, abrangendo uma área de 100 mil metros quadrados, foi o "Palais du Centenaire" de Bruxelas. Naquele centro, sem preocupações de colher resultados imediatos, mais de 400 empresários brasileiros de todos os setores da economia, expuseram seus produtos para um mercado ávido por novidades.

O dr. Ruben Ilgenfritz da Silva, ressaltou a importância da manutenção desses contatos a nível internacional, com o objetivo de estudo e pesquisa de mercado, antevê grandes resultados em termos de vulgarização e consolidação da economia brasileira de mercado no exterior.

Voltando a se referir à reconhecida falta de agressividade do empresário nacional para abrir mercados no mundo, contou que segundo informações que obteve na Bélgica, antes da Brasil Export o comércio belga, mesmo na venda de produtos brasileiros, não expunha nos artigos o tradicional "Made in Brazil". Mas que logo no decorrer da feira, graças ao êxito observado a partir dos primeiros dias, os vitrinistas passaram a expor nos produtos a frase característica.

Isto reflete o seguinte, segundo o presidente da cooperativa: Há na Europa uma tendência de aceitação total para produtos brasileiros. Aliás, essa tendência ele pode observar em outros países onde esteve, principalmente nos Estados Unidos e no Japão, mas neste país, apenas no que se refere a gêneros alimentícios. Já com relação aos Estados

Unidos, disse que a impressão que se tem é que todo o comércio do país gira em torno de produtos importados. A conclusão que se chega, portanto, é que os maiores



Vista parcial do Estande, mostrando a redução do Terminal Graneleiro de Matte, o secretário de Energia e Comunicações do RGS, Henrique Anawald, e o presidente Ruben Ilgenfritz da Silva.



# U AS SUAS POTENCIALIDADES ERCADO COMUM EUROPEU

mercados do mundo, no que se refere a poder de consumo, permanecem abertos à conquista do Brasil. Felizmente, segundo tudo está indicando, vivemos um período pleno de potencialidades econômicas e financeiras para a conquista desses mercados.

Em boa hora o Brasil se lançou, quase que como um todo, através de 400 das mais

representativas de suas empresas industriais, à conquista do mais potente mercado do mundo.

A ação brasileira, sob o símbolo representativo da Brasil Export/73, simbolizou um assalto ao Mercado Comum Europeu. E para nossa satisfação, felizmente participamos ali com a COTRIJUI.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE A BÉLGICA SEU POVO E SUA DEMOCRACIA

Falando sobre a sociologia e traços característicos da Bélgica, disse o dr. Ruben que trata-se de um país até certo ponto curioso. Há duas línguas oficiais na Bélgica: o francês e o neerlandês. Mas grande parte da população fala o flamengo, um dialeto; sendo ainda o alemão e o inglês muito falados.

O nível de vida é alto, sendo também elevado o quociente de cultura do povo. Por consequência, o índice de liberdade está arraigado no consenso popular. Há elevado senso de responsabilidade, tudo dentro de uma conscientização coletiva de vida.

Os sindicatos são extremamente fortes, tendo marcada participação na vida política do país. Os direitos e os deveres parece que estão divididos de tal ordem, que não se nota o princípio de hierarquia.

O belga está conscientizado desse princípio, a partir dos altos escalões vigentes. A autoridade, seja até mesmo o rei ou a rainha, antes de reivindicar direitos ou privilégios, parecem fazer questão de ressaltar os seus próprios deveres.

Isso, naturalmente, dá à Bélgica uma marcante autoridade no mundo. Junto às Nações Unidas, a Bélgica tem grande contribuição na luta contra os males que afligem a humanidade, como prevenção contra as guerras, a fome, o sub-desenvol-

vimento, a ignorância e as doenças consequentes.

Foi nesse país que o Brasil resolveu lançar a sua maior ofensiva de conquista de mercados para seus produtos. E a COTRIJUI, da mesma forma que outras 400 empresas brasileiras, acompanhou essa tomada de posição.

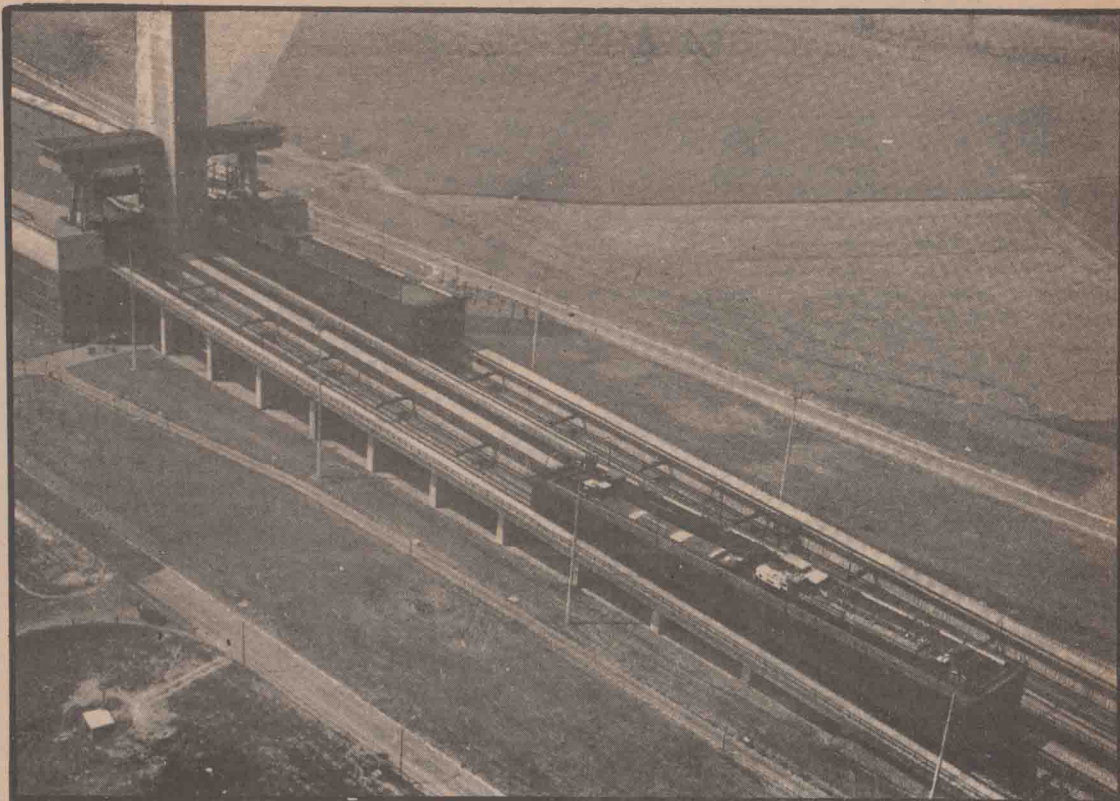
Instalando em pleno "Palais du Centenaire" uma redução perfeita do seu Terminal Granelero, o maior em seu gênero em toda a América Latina, quis simbolizar com isso a sua alta capacidade de vasão de embarque, localizado no extremo de um dos corredores de exportação mais importantes do país.

E segundo o presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, os asiáticos e europeus — japoneses e belgas, especialmente — entenderam que as nossas possibilidades de "Despacht" são reais.

Daí, as nossas potencialidades como exportadores de cereais, especialmente a soja. LEIA EDITORIAL À PÁGINA 2.



rio Grande. Os visitantes são o diretor do DEPREC, engenheiro Sérgio da Costa; o dr. Fernando Craidy e o presidente da FENAC de Novo Hamburgo, rece-



A foto mostra o famoso "plano inclinado", no canal de Charleroi, em Bruxelas. Constitui um sistema original de comportas formado por duas rampas inclinadas, sobre as quais se desloca uma plataforma que contém os barcos.



## CÔNSUL DA POLÔNIA ESTEVE NA COTRIJUI

Cumprindo extenso roteiro de visitas no Rio Grande do Sul, especialmente nos municípios onde residem súditos poloneses, esteve em Ijuí onde pernitoou a 8 de novembro, o cônsul Wladislaw Malik, da República Popular da Polônia, acompanhado pela esposa.

Em Ijuí, o diplomata polonês cumpriu roteiro de visitas na FIDENE e na COTRIJUI. Na entidade de ensino superior foi recepcionado pelo corpo docente, tendo à frente o professor Argemiro Jacob Brumm, seu presidente e na entidade cooperativa por seu diretor-vice-presi-

dente, sr. Arnaldo Oscar Drews. Foi levado a visitar as instalações do parque industrial da COTRIJUI, no futuro Bairro Industrial. Em palestra com o sr. Wladislaw Malik manifestou o desejo de seu Governo de intensificar o intercâmbio comercial com o nosso País, especialmente

no que se refere a cereais. Nesse sentido, e tendo em vista o incremento da nossa lavoura de soja, há boas perspectivas de colocarmos grandes parcelas de soja naquele país europeu, a partir da próxima safra de 1973/1974. Segundo expressou o cônsul Malik, a Polônia deseja entabular negócios diretamente com a COTRIJUI.

Durante sua estada em Ijuí, o cônsul Malik foi recebido pelo prefeito municipal, sr. Emídio Odósiô Perondi e foi homenageado no salão paroquial da Natividade.

### CONVÊNIO COTRIJUI/FIDENE

## HISTÓRIA DOS AGRICULTORES DA REGIÃO NOROESTE DO ESTADO

Na edição anterior do COTRIJORNAL analisamos algumas das razões da vinda dos nossos antepassados ao Brasil e a Ijuí e como eles enfrentaram aqui com determinação as dificuldades que os aguardavam.

Sem dúvida o ambiente aqui encontrado diferia muito daquele que haviam deixado em seus países de origem.

A Europa é um continente ocupado pelos homens ditos civilizados há muito mais tempo que o Brasil. Quando o Brasil é descoberto, a Europa era já um continente colonizado e na época das imigrações super-povoado. A agricultura aí praticada então, era uma agricultura com uma tecnologia bastante adiantada. Os nossos avós ou bisavós trouxeram esta experiência e esta tecnologia. Aqui, porém, tiveram que abandonar-a, ao menos inicialmente.

As condições locais forçaram o novo colono a adotar a tecnologia do "bugre" para poder sobreviver. Não era possível pensar em desenvolver um trabalho que atendesse a todas as exigências das técnicas européas quando o importante aqui era

sobreviver para o que se tornava necessário plantar e colher algo rapidamente. Tornou-se pois indispensável derrubar e queimar o mato e plantar desesperadamente. Capital os colonos não possuíam. Este teve que ser gerado ou criado a partir do trabalho sofrido de cada qual. Assim houve um retrocesso no uso da tecnologia comparada com a que usavam na Europa, embora muitos colonos tivessem sido naquele continente operários. Para estes a dificuldade aqui tornava-se ainda maior.

Se tivessem tido capital provavelmente teriam desenvolvido uma agricultura mais moderna desde logo. Mas este deveria então sair dos bancos brasileiros da época. Mas como

isto implicaria num rápido crescimento econômico desta faixa da população era claro que os detentores do poder e que estavam a serviço dos pecuaristas não poderiam concordar com isto, pois poderia implicar na necessidade de uma divisão do poder. Aliás a função destinada aos colonos talvez não fosse outra que a de abrirem novos mercados de consumo para produtos industrializados europeus em troca do dinheiro que haviam adquirido com a venda de alguns dos seus excedentes agrícolas que, ao lado da carne, vinham suprir as deficiências de subsistência interna. Paralelo a isto ocupariam afinal as vastas áreas improdutivas do Estado e que sempre estiveram cobertas pelas matas. Além disto, a sua vinda para o Brasil aliviara em muito os problemas dos países europeus os quais representavam, em última análise, interesses econômicos de alcance mundial e aos quais o Brasil estava ligado pela exportação de matéria prima e importação de produtos industrializados.

## OS NÚCLEOS DE BASE

Ninguém pode negar que um trabalho comunitário continuado e bem assumido pode trazer grandes melhorias para nossas comunidades rurais e até mesmo modificar-lhes, de certa maneira, modos de viver, de agir e de pensar, em benefício de toda a população.

Porém, as comunidades são mais ou menos como as pessoas. Não se satisfazem muitas vezes só com o melhorar nisto ou naquilo... Querem "crescer", desenvolver-se, afirmar-se, através de seus valores próprios pondo em ação todas as suas forças. E, como as pessoas — que precisam dos outros para "enriquecer" e expandir sua personalidade e nesse processo também enriquecer a personalidade do outro — as comunidades só podem crescer e desenvolver-se com e através das comunidades vizinhas... com as quais se relacionam.

Na vida entre as pessoas há uma constante "troca" de experiências. Há um permanente "dar" e "receber", segundo as condições de cada um. Com as comunidades acontece o mesmo, naturalmente em planos e circunstâncias diversos.

Os núcleos de base podem e devem utilizar o trabalho comunitário como "instrumento" para essa "troca", entre comunidades, com vistas ao seu desenvolvimento.

Para tanto, o trabalho comunitário terá de se revestir de dimensões e características especiais. Terá de ser um trabalho comunitário PARA O DESENVOLVIMENTO da comunidade... e mais...

O trabalho comunitário, realizado em plano local, articula-se com o desenvolvimento econômico, social, educacional e cultural de uma região, que no nosso caso, é a Região Noroeste do Estado. (Os leitores podem encontrar dados importantes no artigo que fala da história dos agricultores da região, o que é bom para entender certos fatos que acontecem nas nossas vidas e nas nossas comunidades).

Tudo o que acontece nas comunidades, tanto a pequena comunidade local (Núcleo) como a comunidade maior, a regional, deve acontecer com a nossa participação.

Dessa forma, se todos participam nas decisões, nas soluções dos problemas temos o que se pode chamar de "vida democrática" que é todo um "modo de vida". Implica em assumir, cada dia, cada hora e a cada momento — diante da vida — na família — no trabalho — nas organizações de classe (sindicato e cooperativa), atitudes que sejam uma afirmação da dignidade de pessoa humana, livre, responsável, capaz de se determinar, de decidir sobre o destino seu e de conduzir os acontecimentos da vida da comunidade.

Viver democraticamente significa adotar um "estilo de vida", no qual LIBERDADE E RESPONSABILIDADE se combinam e se fazem presentes em todas as nossas atitudes para realizar na comunidade: o bem de cada homem e do homem todo; o bem de cada homem e de todos os homens.

A vida comunitária sadia e verdadeiramente democrática se exprime por uma CONVIVÊNCIA baseada no respeito mútuo, no cumprimento recíproco de direitos e deveres, no trabalho cooperativo, na busca do bem comum.

## CURSISTAS DE PELOTAS VISITARAM A COTRIJUI



Os engenheiros-agrônomo na sala da diretoria.

Um grupo de 26 engenheiros-agrônomo procedentes de vários Estados brasileiros e do Paraguai, que participaram de um curso sobre produção e tecnologia de sementes na Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel da Universidade Federal de Pelotas e Instituto Agronômico do Sul, com sede na mesma cidade, estiveram em visita a Ijuí, tendo sido recepcionados na COTRIJUI.

Os agrônomos, cujo curso em Pelotas desenvolveu-se de 15 de outubro a 9 de novembro, vieram a Ijuí chefiados pelo professor Manuel Araújo, da Universidade Federal de Pelotas. Na COTRIJUI foram recepcionados pelo diretor-vice-presidente, professor Arnaldo Oscar Drews e diretor do Departamento Técnico, dr. Nedy Rodrigues Borges, após o que, visitaram todas as instalações centrais da cooperativa.

## CONHEÇA AS INSTALAÇÕES DA SUA COOPERATIVA



Com uma capacidade de armazenagem estática de 77.000 toneladas, os armazéns da COTRIJUI em Santo Augusto, servem os agricultores de um município que apresenta índices fantásticos de desenvolvimento na atualidade. Município novo — ainda não completou 14 anos de vida política independente — está fadado a um desenvolvimento que se acelera a cada dia que passa. Com uma primeira unidade de armazém funcionando ali desde princípio de 1968, viu-se em seguida a necessidade da construção de outras unidades, em face do crescimento da lavoura de trigo e início do deslanche da lavoura de soja. Em 1969 e 1971, respectivamente, novas unidades foram entregues a produção, totalizando então 77.000 toneladas estáticas. Hoje, duas vezes ao ano, esses armazéns são abarrotados de trigo e de soja. Com unidades modernas, dotadas de secadores e todos os demais recursos exigidos pela tecnologia da conservação de cereais, a COTRIJUI detém talvez a maior infra-estrutura brasileira para a guarda e conservação de grãos sólidos. Na foto, uma vista aérea mostra os três armazéns secador e demais dependências de apoio da unidade de Santo Augusto. Fica nos arredores daquela cidade, à margem da estrada que liga Santo Augusto — Ijuí.

Nos próximos dias será iniciada a construção do novo escritório e setor de consumo.



# O PREPARO DA ERVA DONA FIFINA: UM SIMBOLO PARA CHIMARRÃO EM SANTO AUGUSTO

Barbaquá, carijo, furna, erva cancheada, chimarrão. São termos componentes do linguajar gauchesco: portanto, cultura popular. Por fazer parte da cultura popular, preocupação que o COTRIJORNAL demonstrou desde sua primeira edição, estas colunas voltam a focalizar mais um tema no gênero: o preparo da erva para chimarrão.

## CARIJO

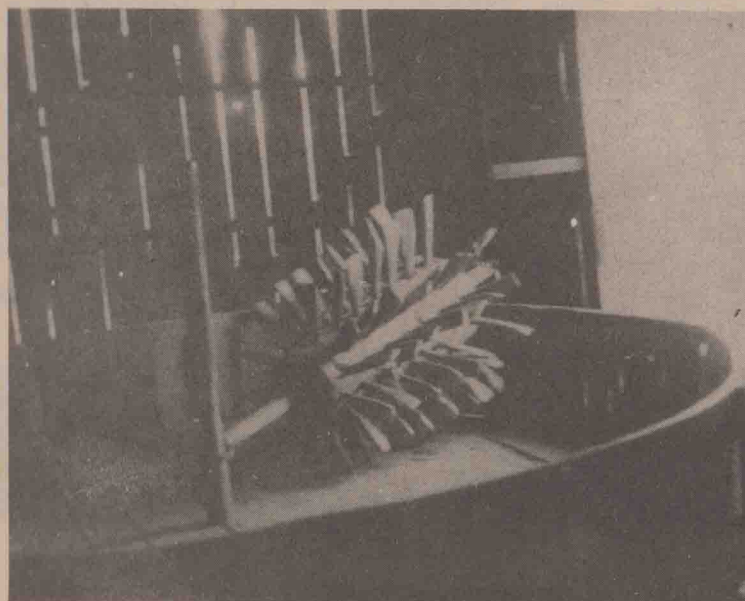
O carijo é um rancho geralmente coberto por tabuinhas ou capim, aberto de ambos os lados. No seu interior encontra-se um estendal, a um metro do chão, feito com varas ou achas de pinho, onde se coloca a erva para a seca. As fogueiras, tantas quanto for o tamanho do estendal, são acesas em baixo. Durante a secagem, todo o cuidado é pouco a fim de evitar que se levantem as chamas, pois nesse caso, a erva se incendiará.

## FURNA

A furna é uma escavação subterrânea, na boca da qual se acende a fogueira. Esse pequeno túnel tem comunicação com a parte inferior do jirau, que suporta feixes de erva. O melhoramento em relação ao carijo, consiste no fato de que grande parte da erva submetida à secagem, não recebe o fogo direto.



Fornalha e triturador, em fotos tiradas



no barbaquá dos Irmãos Maroso

## BARBAQUÁ

Mas o melhor sistema é o barbaquá. Enquanto no carijo e mesmo na furna as chamas atuam diretamente na erva, no barbaquá o material a secar recebe o calor através de um canal subterrâneo, colocado a 10 e até 20 metros de distância. Tem cerca de um metro de boca, que serve de fornalha, com a extremidade em boquilha, por onde se irradia o calor, que vai secar a erva.

A cerca de dois palmos acima da boquilha, encontra-se uma chapa de ferro, suspensa ou apoiada sobre tijolos, que tem a finalidade de uniformizar a temperatura no interior do barbaquá. Esses os três sistemas usados no Brasil, para o sapeco de erva-mate para o apreciado chimarrão gaúcho. O sistema de barbaquá focalizado nesta reportagem, foi fotografado na empresa Moroso & Irmãos, produtores da erva Serrana, em Santo Augusto.

O fragor de mil batalhas povoa ainda a mente de dona Josefina Lucas Silva, uma simpática e idolatrada octogenária que viu Santo Augusto nascer e crescer, a ponto de transformar-se em uma das mais prósperas comunidades do interior rio-grandense dentre os municípios da nova geração.

Fundadora do município, como companheira prestímoza e dedicada do saudoso líder Pompílio Silva, ela viveu todos os perigos e enfrentou as vicissitudes da época, quando Santo Augusto e toda a vasta região circunvizinha, era um acampamento de revolucionários.

Vazulmiro Dutra, coronel Marcelino, doutor Bozzano, coronel Dico e Luiz Carlos Prestes, são alguns dos nomes de maior familiaridade à sua memória de 88 anos bem vividos. Dos dois últimos — Coronel Dico e Prestes — é que conserva as maiores recordações. Caracteriza Prestes como um cavalheiro dotado de forte personalidade e o saudoso Antonio Soares de Barros, que passou para a história como o popular coronel Dico, como um homem de excelsas virtudes e grande firmeza de caráter.

## DO FUZIL AO MOSQUETÃO

Dona Josefina lembra, com um certo ar de malícia, que durante a revolução de 23 teve que trocar o fuzil pelo mosquetão. Diz que o fuzil "era muito coiceiro", ao contrário do mosquetão, muito mais suave, quando disparava chumbo. Ela não lembra quantos bandidos matou, mas assegura que foram muitos, "pois naqueles tempos de revolução e anarquia, prevalecia a lei da bala". Ela enaltece a figura de Getúlio Vargas que — segundo diz — saneou o Estado dos maus elementos.

## MATOU E SALVOU

Mas dona Josefina — Fifina para os parentes e amigos — faz questão de afirmar que matou os "bandidos mas salvou muitos inocentes". Lembra que durante o Combate da Ramada — território pertencente hoje ao município de Ajuricaba — como enfermeira da Cruz Vermelha ajudou a salvar muitos feridos.

Para não negar a tempera da mulher gaúcha, que sempre viveu com intensidade todos os momentos da vida de seus esposos, a dama santo-augustense viveu, lutou, amou e sofreu todos os problemas do município durante a sua formação.

## O ROUBO DO PETIÇÃO

A vida de dona Josefina, que é genitora do atual prefeito do município, sr. José Vicente Silva, é entremeadada de fatos pitorescos. Um dos fatos que ela relembra com visível prazer, ocorreu em 1925, durante a passagem da Coluna Prestes pela região. Nessa época eles viviam em Campo Novo. Numa das "arrebanhadas de cavalo" feita pelos revolucionários, um petição pertencente a seu filho, José Vicente, foi no meio da tropa. Ela conta que quando "o guri" soube do roubo do petição, se tocou para o acampamento dos revolucionários, exigindo a entrega do animal, o que conseguiu por ordens expressas do próprio Prestes.

## PRIMA DE D. SCYLA MÉDICI

Dona Josefina, viúva do sr. Pompílio Silva, fundador de Santo Augusto, onde está desde 1917, é prima-irmã de Dona Scyla Médici, a primeira Dama do País. A avó de Dona Scyla — sra. Maria Lucas Gafree — era irmã de seu pai, Manoel Ponciano Lucas.

Natural de Bagé, onde nasceu em 1885, casou-se em São Gabriel com Pompílio Silva. Hoje, com 88 anos, mãe de 12 filhos que lhe deram 40 netos e 66 bisnetos, dona Josefina vive feliz e tranqüila, consciente de ter empregado bem a sua vida, conservando por isso mesmo um humor sadio, sendo muito agradável palestrar com ela.



Dona Fifina e o filho, prefeito santoaugustense.



A bucólica avenida, a casa tranqüila ao fundo.



# Técnicos

## O FENO E A SILAGEM

A necessidade da preservação da própria vida levou o homem a conservar os alimentos produzidos nos períodos favoráveis para serem consumidos nas épocas de menos produção. O hábito de conservar os alimentos em excesso é muito antigo e, a cada ano se torna mais importante para humanidade.

Com o aprimoramento tecnológico tornou-se possível através de um grande número de processos conservar quase todos os alimentos. Dentre os alimentos básicos estão a carne e o leite, cuja conservação ainda limita-se ao resfriamento. Para o nosso caso, a produção destes bens diminui no período frio e as quantidades conservadas na estação quente (verão) são incapazes de garantir um abastecimento uniforme ao longo do ano. No período desfavorável a produção de carne aqui no Rio Grande do Sul diminui cerca de 80% e a de leite 30%. Isto determina sérias dificuldades no abastecimento destes alimentos a população.

A técnica para manter os animais em condições de vida produtiva no período frio, é principalmente, o estabelecimento de pastagens de inverno. Os granjeiros normalmente esquecem os métodos tradicionais de conservar as sobras de pasto do verão sob a forma de feno e silagem, para serem consumidas no inverno. Foi conservando o excesso de pasto dos períodos favoráveis que os europeus, norte-americanos, australianos e os neozelandeses conseguiram chegar a uma pecuária desenvolvida e econômica. É exatamente por esta razão que, atualmente, eles conseguem abater os seus bovinos com idade de 18 a 20 meses, com tendência a conseguirem um peso padrão de 400 kg. em apenas um ano.

Ainda prevalece o pensamento de que um bom feno e uma boa silagem só são obtidos das culturas feitas especialmente para cada finalidade. É inegável que isto seria o ideal, no entanto, é importante que fique claro que o feno como a silagem podem e devem ser obtidos de qualquer sobra de pastagem. Não pode ser esquecido, no caso da silagem, que alguma coisa de uma cultura feita especialmente para esta finalidade deve ser misturada as sobras de outras pastagens. Contudo, para a fenação isto não é necessário, pois qualquer sobra de pasto pode ser fenada com relativo sucesso, quando o corte e a secagem são realizados conforme a indicação técnica.

Como aqui na Região pretendemos realizar o engorde de

bovinos, principalmente no inverno, a fenação e a silagem deverão se tornar práticas normais. Aqui, as pastagens de verão podem ter um ciclo de produção de até oito meses, enquanto que as de inverno de no máximo 6 meses. Como consequência deste maior ciclo e da alta luminosidade deste período, os pastos de verão apresentam uma produção de torragem bastante superior as pastagens de inverno. Isto determina uma sobra de forragem no verão, sugerindo que este excesso deve ser conservado para ser fornecido aos animais nos períodos de menor produção. Se adotarmos as técnicas da fenação e da ensilagem, também conseguiremos dar um ritmo normal de crescimento e engorde aos nossos animais, como ocorre em outros países.

Agora vejamos algumas informações sobre a fenação e a ensilagem:

### Fenação

O principal objetivo da fenação é produzir um feno de boa qualidade e que seja agradável ao gosto dos animais. Para possuir estes requisitos o feno deve ser folhudo, ter cor verde, hastes macias e não apresentar bolores ou mofos. Um feno com tais características se consegue com a maioria das forrageiras. Em primeiro lugar deve-se ter cuidado de realizar o corte das plantas no início da floração. A medida que as plantas alcançam estágios de desenvolvimento próximos a maturação dos grãos a qualidade decresce. O grau de decréscimo na qualidade é maior na maioria das gramíneas do que nas leguminosas como a alfafa e o cornichão. No entanto sabe-se que mesmo uma gramínea cortada já em completa floração pode dar um bom feno, se este for bem preparado.

Conhecido o momento exato do corte, pode-se dizer que o fundamento da fenação resume-se na técnica da secagem. Para ser conservado com segurança o teor de água deve estar em torno de 22 por cento. O feno que for enfardado e armazenado com teores superiores a 22 por cento de água está sujeito a fermentações e aquecimentos. O seu va-

lor nutritivo fica altamente reduzido devido ao desenvolvimento de mofos, e ainda está sujeito a queima espontânea. Um método simples de verificar se o feno está suficientemente seco para ser armazenado consiste em retirar uma amostra do centro dos fardos. Esta amostra deve ser triturada e colocada em um vidro. Neste mesmo vidro adiciona-se uma colher das de chá com sal finamente moído. Tapa-se o vidro a ponto de vedar a entrada de ar e agita-se cerca de 100 vezes. Após agitação, se o feno estiver seco para ser conservado o sal deve se apresentar em forma de pequenos grânulos no fundo do vidro e, se o feno estiver com umidade superior a 22 por cento o sal se aglutinará formando um único bloco. Em caso de dúvida aconselha-se repetir o teste com outros fardos.

Aconselha-se fornecer aos animais na base de 2 Kg de feno para cada 100 kg de peso vivo.

### Ensilagem

O processo da ensilagem exige mais cuidados do que a fenação, no entanto, em alguns casos, o seu uso é recomendável se não vejamos: A forragem pode ser ensilada em condições impróprias para fenação; a silagem ocupa menor espaço que o feno; as plantas daninhas que as vezes diminuem a qualidade do feno podem ser transformadas em silagem de qualidade regular; para a pequena propriedade que não pode adquirir um equipamento para a fenação, talvez a silagem seja mais econômica porque apresenta maior qualidade e pode ser realizada com auxílio de máquinas mais simples.

O uso da silagem, a semelhança do feno, permite manter um maior número de animais numa determinada área de terras. Na maioria dos países de pecuária desenvolvida a silagem é feita, principalmente, com milho e sorgo. No entanto quase todas as forrageiras podem dar uma boa silagem quando misturadas com milho, sorgo, melão e outros materiais.

O processo da ensilagem não é misterioso como muitos pensam. O fundamental é cortar o pasto no momento certo, triturar em porções de mais ou menos 3 cm. proceder o enchimento do silo o mais rápido possível realizando uma boa compactação desde o início. O momento do corte varia de um cultivo para o outro. Em geral aconselha-se fazer o corte quando as plantas estão em florescimento. Para o milho que é uma das espécies mais indicadas para silagem, o corte deve ser realizado quando os grãos estiverem em estado vítreo (ponto pamonha ou milho louro). Para o sorgo vale o mesmo critério e para o pasto italiano recomenda-se cortar no início da floração. Durante o enchimento do silo deve-se dar uma boa compactação no material ensilado. Se a compactação for pouca ficará muito ar dentro do silo e então o material estará sujeito a formação de bolores e mofos. Uma forragem muito seca não permite uma boa compactação, mesmo que o material seja finamente moído. Ao contrário, uma forragem colhida muito precoce, pode fornecer um material com muita água que deturará a ausência de ar pelo excesso de compactação e, os processos fermentativos iniciais ficam pre-

judicados, dando uma silagem ácida e de pouca durabilidade. Nos Estados Unidos há registros de silagem de milho conservada por períodos superiores a doze anos, em boas condições.

Após o fechamento do silo deve-se ter todo o cuidado para evitar qualquer penetração de ar ou água. A sua abertura deve ocorrer no momento de maior crise alimentar na granja e, deve ser distribuído aos animais diariamente até o consumo total da silagem. Teoricamente, para um animal de 400 kg aconselha-se fornecer até 12 kg de silagem por dia. Como comentamos no início deste artigo, aqui a produção de carne e leite cai no período frio e os animais perdem peso. Para diminuir estas perdas temos feito plantio de forrageiras de inverno. Mas isto não é suficiente, é preciso também que os granjeiros aproveitem as sobras de verão através da fenação e da ensilagem, com pleno sucesso. Isto é mais importante ainda, para aqueles que pretendem realizar o engorde de terneiros e novilhos no período de inverno. Os produtores que pretendem fazer feno ou silagem podem se dirigir ao Departamento Técnico da COTRIJUI.

Eng<sup>o</sup> Agr<sup>o</sup>

RENATO BORGES

DE MEDEIROS



gado gordo e sadio, com abundância de feno.



# Técnicos

## BENEFÍCIOS DA CALAGEM

A calagem consiste fundamentalmente em adicionar ao solo algum composto que contenha cálcio e magnésio, capaz de diminuir a sua acidez. Entre os produtos utilizados na calagem, podemos destacar o calcário dolomítico, o calcário calcítico, conchas moídas, cal virgem e cal hidratada.

As vantagens da aplicação de calcário às lavouras aumentando sua produtividade, são conhecidas de todos. É importante salientar que o calcário sozinho poderá aumentar as colheitas momentaneamente mas que, para sustentá-las ao longo dos anos, sua aplicação deverá ser acompanhada pela adubação, com os elementos nobres (nitrogênio, fósforo e potássio). Do mesmo modo a adubação, quando não acompanhada de calagem, perde muito em eficiência, tratando-se de solos ácidos.

O objetivo fundamental da calagem é a redução da acidez do solo, elevando o seu PH a nível menos ácido, ao redor de 6,0. Mas são tantos os efeitos benéficos da calagem, decorrentes ou não, da diminuição da acidez, que se confundem entre si, não se sabendo a qual é devido o aumento de produtividade que se verifica.

Os efeitos diretos ou indiretos, podem ser químicos, físicos e biológicos.

1) EFEITOS QUÍMICOS: dentre os efeitos químicos, podemos destacar os seguintes:

A - Nutrição das plantas com cálcio e magnésio: os solos ácidos de nossa região são pobres em cálcio e magnésio, ambos elementos essenciais às culturas. Usando-se o calcário dolomítico, automaticamente estará se fazendo uma adubação de cálcio e magnésio. Se o objetivo da calagem fosse simplesmente suprir a deficiência destes elementos em quase todos os casos uma aplicação de 500 kg. de calcário dolomítico seria o bastante. Mas os objetivos não se resumem a isto.

B - Ação contra elementos tóxicos: MANGANÊS — em quantidades muito pequenas é essencial à nutrição das plantas. Níveis elevados deste elemento são tóxicos, causando um crescimento anormal e produção baixa. Sua absorção máxima

pelos ácidos em que se apresentam o manganês solúvel e disponível às plantas. A medida que a acidez diminui

ALUMÍNIO — diferente do manganês. O alumínio não é essencial à nutrição das plantas porém, se estiver livre na solução do solo, é absorvido por elas, provocando mau desenvolvimento, principalmente nas raízes. Muitas vezes aparecem manchas na lavoura de trigo, com plantas raquíticas e amarelas e diz-se que o trigo apresenta a moléstia do crestamento. Nesta mancha o aue ocorre é a toxidez de alumínio. Aí o solo apresenta alta concentração de alumínio trocável.

A absorção do alumínio é maior em solos ácidos. Quando a acidez diminui, a sua absorção do alumínio também diminui.

FERRO — O ferro pode ser tóxico às plantas, apesar de ser elemento essencial para sua nutrição. Seu comportamento é semelhante ao do manganês.

Resumindo, podemos dizer que a calagem diminui o perigo de toxidez por manganês, alumínio e ferro, para plantas.

C — Efeitos na disponibilidade de Nitrogênio, Fósforo e Potássio. NITROGÊNIO — A calagem facilita a transformação da matéria orgânica em nitrogênio. A matéria orgânica é a maior fonte de nitrogênio no solo. E todos sabem da importância deste elemento no desenvolvimento das plantas.

FÓSFORO — É considerado o elemento nobre da agricultura. É aquele que mais limita a produtividade das lavouras. Nos solos ácidos os altos teores de ferro e alumínio livres reagem com o fósforo formando combinações estáveis impossíveis de serem absorvidas pelas plantas. A aplicação de calcário libera o fósforo dessas combinações deixando aos poucos a disposição das plantas. A aplicação so-

mente de calcário traz um aumento da produção, porém temporário. Será limitada pela disponibilidade de fósforo.

É importante, que a calagem seja feita de acordo com a análise do solo. Faça a análise de sua terra e siga a orientação do Departamento Técnico no emprego da calagem e da adubação química.

POTÁSSIO — dos elementos nobres da agricultura, é o que está em maiores quantidades no solo. A quase totalidade das análises não recomendam o emprego de potássio nas adubações corretivas, junto com o calcário. Entretanto, em quase todas as fórmulas de adubação de manutenção, usadas no plantio, é recomendado potássio.

D — Efeitos sobre os micronutrientes — diversos outros elementos micronutrientes são necessários à alimentação das plantas. Porém como o próprio nome indica, são necessárias pequenas quantidades. Entre estes elementos podemos destacar o BORO, MOLIBDÊNIO, ENXOFRE, COBRE e ZINCO. Também estes elementos exigem baixa acidez ou elevação do PH para ficarem à disposição das plantas. O BORO é elemento muito importante principalmente para a nutrição das leguminosas. É indispensável para o cultivo da alfafa. O aparecimento de folhas avermelhadas é o sintoma característico da deficiência deste elemento.

(Os efeitos tóxicos e biológicos serão apresentados numa futura edição).

Eng<sup>o</sup> Agr<sup>o</sup> RIVALDO A DHEIN

Departamento Técnico  
da COTRIJUI  
em Santo Augusto

ASSOCIADO!

COTRIJORNAL

é a comunicação ao seu serviço.

Reclame se ele não estiver chegando às suas mãos.

## SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE AJURICABA.



O presidente, sr. Alberto Wiegert.

Através da Carta nº 122.788/68, de 1º de julho de 1968, o Ministério do Trabalho e Previdência Social reconheceu e deu validade jurídica ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município de Ajuricaba, com sede na cidade do mesmo nome. A base territorial do sindicato abrange 561 Km<sup>2</sup> — área territorial do município — com a divisão de 28 núcleos de base.

O sindicato atua no setor educacional em benefício de seus associados, através de convênio que mantém com a COTRIJUI e a FIDENE. Também presta assistência médico-hospitalar através de convênio operacional com o FUNRURAL, proporcionando atendimento na Sociedade Hospitalar Beneficente Ajuricaba e a Santa Casa de Porto Alegre.

No hospital de Ajuricaba, de janeiro a setembro do corrente ano, 504 pessoas foram atendidas e em Porto Alegre — os casos mais graves — desde a assinatura do convênio em janeiro de 1972, 33 casos. O atendimento odontológico mantido também com o FUNRURAL, proporcionou de dezembro de 1972 até setembro último, 4.312 atendimentos. Isto dá uma média de 430 atendimentos mensais.

O gabinete odontológico foi doado ao sindicato pelo FUNRURAL. Devido o grande número de beneficiários, o sindicato está pleiteando junto àquele organismo, a obtenção de outro gabinete.

Na parte de aposentadoria, o sindicato já encaminhou 300 pedidos de agricultores.

Preside o sindicato o sr. Alberto Wiegert, que afirmou ao COTRIJORNAL que a entidade possui sob contrato de trabalho um técnico agrícola e um inseminador, cuja missão é orientar os associados em suas especialidades. Esses funcionários especializados são mantidos por convênio entre a FETAG-Governo do Estado-Prefeitura Municipal e sindicato, respectivamente.

O sindicato, que está filiado à FETAG e CONTAG, encaminha pedidos de bolsa de estudo através do PEBE. Neste ano, foram encaminhadas 35 bolsas.

Desde que assumiu a presidência, a 23 de dezembro de 1971, o sr. Alberto Wiegert promoveu 114 movimentos, entre palestras e cursos realizados pelo convênio COTRIJUI/FIDENE e viagens e reuniões.

Tem como meta principal a construção da nova sede. O sindicato também pensa ajudar a comunidade na construção do novo hospital.

## CONSERVAÇÃO DO SOLO EM CHIAPETA

A Associação Conservacionista de Chiapeta (ACC), vem realizando um excelente trabalho em prol do uso racional do solo, tendo em vista a preservação dos recursos de fertilidade.

Fundada há bem pouco tempo, em 2 de junho do corrente ano, já promoveu trabalhos que perfaz uma extensão de 104.760 Km em terraceamento, em propriedades pertencentes a 19 agricultores.

A Associação realiza serviços em colaboração com o

Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Chiapeta e a Prefeitura Municipal.

É a seguinte a diretoria da ACC: presidente, Eugênio Wagner; vice-presidente, Júlio Kronbauer, prefeito do município; secretário, Jaldyr Cabral da Silva, técnico agrícola; tesoureiro, Luiz Carlos Machado e diretor técnico, dr. Nedy Rodrigues Borges. O responsável técnico é Vilmar Hendges, técnico agrícola da COTRIJUI em Chiapeta.



# ASSIM NASCEU O MUNICÍPIO DE CHIAPETA

Carlos Chiapeta, um italiano decidido e de espírito aventureiro que nos primeiros anos deste século, vindo da Itália, se fixara com a família no município de São Gabriel, por volta de 1906 compra terras em Santo Ângelo. A compra consistiu de uma extensão de três léguas e meia de campo e mato, então pertencente a Francisco Annes, na localidade de Monte Alvão.

O lugar permaneceu em estilo latifúndio até o ano de 1936, quando faleceu Carlos Chiapeta, em Buccita, na Itália. Sua esposa, dona Victória Carvalho Dávila Chiapeta, assumindo o controle da propriedade, mandou realizar medição e divisão em colônias de área de matos denominada "serra".

Aí foi procedida, após a desmatção, a abertura de ruas em obediência a plano-piloto. É onde se localiza hoje a cidade de Chiapeta.

Dante Baromeu D'Avila Chiapeta e Sadi Cardoso foram os executores do projeto, elaborado com a supervisão da viúva Victória Chiapeta. Ela própria, segundo afirmam as pessoas da época, dirigiu os trabalhos até a vinda e definitiva fixação dos colonos à área loteada.

A colonização chamou-se inicialmente "Colonização Victória D'Avila Chiapeta". Depois foi simplificada para Colonização Chiapeta. Mais tarde, com sua elevação a distrito, chamou-se Sede Chiapeta, como 7º dis-

trito de Santo Ângelo, o que aconteceu até o ano de 1961.

## CATUIPE

Com a emancipação política de Catuipê, desmembrado de Santo Ângelo, Chiapeta passou a fazer parte da nova unidade política. Foi o 3º distrito de Catuipê, podendo se dizer que o mais potente distrito catuipiano. Tanto isso é verdade, que quatro anos após, ou seja, em 1965, Chiapeta desmembrava-se de Catuipê, formando a sua própria unidade político-administrativa.

É que um grupo de cidadãos decididos, sentindo a pujança sócio-econômica de Chiapeta, decidiu lutar pela emancipação. Pela lei estadual nº 5155, de 15 de dezembro Chiapeta passava a ser mais uma unidade municipalista brasileira. O município foi instalado a 28 de maio de 1966.

O primeiro prefeito eleito foi o sr. Werno Konrad, de 1969 a 1973, tendo como vice-prefeito o sr. Helmrich Eickhoff, do MDB.



## CONHEÇA A ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL

Em declarações ao COTRIJORNAL, o prefeito municipal, sr. Júlio Kronbauer, disse que está sendo pavimentada a maior parte das ruas da cidade, que também conta com iluminação pública. Em breve a cidade contará com serviço de água potável, pois prosseguem as obras de implantação do sistema, em convênio da Prefeitura e CORSAN.

Chiapeta conta com um total de sete vereadores, sendo quatro do MDB e três da ARENA. O presidente é o vereador Marhart Hintz; vice-presidente, Neri Fernandes Enéas; 1º Secretário, Celso Maboni e 2º Secretário, Athílio Schossler. Os líderes são: Athílio Schossler do MDB e Arnaldo Bledow, da ARENA.

CÂMARA MUNICIPAL  
A Câmara Municipal de

No que se refere às rodovias municipais, o prefeito Kronbauer diz estar dando prioridade ao setor. Acaba de ser construída uma ponte sobre o arroio do Moinho e 15 boeiros, alguns deles com até dois metros de aterro. Ele confessou que está pensando em empedrar a totalidade das rodovias do município, para dar condições de tráfego em qualquer época do ano, para garantir o escoamento das safras de trigo e soja, que são as mais volumosas.

Uma deficiência do município é não contar com nenhuma agência bancária. Mas o prefeito está muito preocupado com isso e breve deverá solucionar o problema.

O parque de máquinas foi aumentado há pouco, com a aquisição de um trator carregador da marca Michigan, através de financiamento do PASEP e um caminhão basculante e uma camioneta.

## CHIAPETA EM NUMEROS

Pelo recenseamento de 1970, Chiapeta possuía 5.150 habitantes, distribuídos numa área de 398 Km<sup>2</sup>. A economia do município, quase que essencialmente agrícola, vem num crescendo, principalmente agora com o deslanche da lavoura da soja.

A arrecadação do município alcançou a cifra de 776.367,00 em 1973. Mas a previsão para o próximo exercício financeiro é de 1,5 milhão de cruzeiros. Quer dizer, mais do que o dobro do atual montante.

Os investimentos financeiros também vem num ritmo de bom crescimento, tanto que a previsão para 1974 é o dobro do montante de 1973, chegando a 685.550 cruzeiros. A evolução da rubrica do ICM, considerando o período de cinco anos e mais a previsão para 1974, mostra o seguinte comportamento:

1969 Cr\$	65.988,57
1970 Cr\$	87.027,46
1971 Cr\$	116.136,16
1972 Cr\$	255.460,81
1973 Cr\$	498.579,12
1974 Cr\$	647.000,00 *
* Previsão	

**ASSOCIADO!**  
**O COTRIJORNAL**  
**é a comunicação**  
**ao seu serviço.**



A foto mostra a bonita cascata do Inhacorá, que se localiza nas proximidades de Faxinal. Existem outros locais no interior do município, também de rara beleza.





O jornalzinho de vocês agora tem um nome: COTRISOL. É um nome bonito, risonho, cheio de calor e de vida.

Este nome surgiu entre as muitas sugestões dadas por vocês. Todas as sugestões foram boas. Mas o jornalzinho só pode ter um nome, não é? Esperamos que mesmo aqueles

que deram outras sugestões gostem deste nome. E, o que é mais importante: que gostem cada vez mais de ler este Suplemento Infantil e de colaborar com ele.

O COTRISOL poderá ser um verdadeiro sol para todos vocês; um sol que dá alegria, luz, calor, vida. Mas só se cada um

dè vocês ler e comentar o jornalzinho, se vocês nos enviarem opiniões, críticas, sugestões. O jornalzinho deve ser cada vez mais de quem lê. Mas só será assim, se vocês se interessarem por ele e mostrarem que ele pertence muito mais a vocês do que a outros.

## O MENINO AZUL

*Cecília Meireles*

O menino quer um burrinho  
para passear  
Um burrinho manso,  
que não corra nem pule,  
mas que saiba conversar.

O menino quer um burrinho  
que saiba dizer  
o nome dos rios,  
das montanhas, das flores,  
de tudo o que aparecer.

O menino quer um burrinho  
que saiba inventar  
histórias bonitas  
com pessoas e bichos  
e com barquinhos no mar.

E os dois sairão pelo mundo  
que é como um jardim  
apenas mais largo  
e talvez mais comprido  
e que não tenha fim.

(Quem souber de um burrinho desses,  
pode escrever  
para a Rua das Casas,  
Número das Portas  
ao Menino Azul que não sabe ler.)

Muita gente continua escrevendo. Alguns deram sugestões que vamos aproveitar nos próximos números.

E aqui, o nome daqueles que nos escreveram:

Iracema S., Vilson R., Genessi B., Eraldo, Eva, Alice M., Otília, Imelda T., Cecília Torres, Clair T., Dilce, José Urbano, Zilda Célia, Diva, João Carlos, Elizabeth, Beatriz Fátima, João V., Inês, Joaquim, Bruno de SANTO AUGUSTO.

Marli, Darlene M., Carlos, Wanderlei, Cloves, Neiva, Marilei, Remi, Marli, Rogério, Pedro, Oderlê, Odilse, Odir de IJUÍ.

Maria Cleusa, Leonir M., Ire Rosa, Alberto, Ivanir de Fátima, Ildo Leonar, Clarice de CEDRO MARCADO.

Edilson Eloi, Loreci Salette, Oneide Antonio, Ana Nair, Nadir Madalena, Terezinha Salette, Tania Margarete, Nelci Terezinha, Vilma de Fátima de MIRAGUÍ.

Rozane de AUGUSTO PESTANA.

Volmir Ivo, Vilmar Egor, Valmir de TENENTE PORTELA

Ademar, Darli, Adriane, Miriam, Neuza Tereza de AJURICABA.

M. Aparecida de TUPANCIRETÃ.

Claudino Soares, Edegar, Arlei, Celia Lioni, José Luis Costa, Eldo José, Oldemar Valdir, Osmarina de RINCÃO DO TIGRE

Lenir de VILA CHORÃO.

Lucídio de RAMADA.

Marlene e Aurélio de RINCÃO DOS CORRÊA.

M. Tereza, Olívia, Judite, Cledi, Vera, Liane, Dulce, José, Ivo, Clóvis, Jorge, Rosane, Claudete, Edgar, Eder, Neide, Luiz F., Ronei, Antonio, Lori, M. Regina, Ana, Sílvia, Pedro Jardel, Claudio, Rafael, Sandro, Luciana, Rogério, Fernando, Luiz Francisco, Luiz Tadeu, Maria da Graça de DR. BOZANO.

Neusa Maria de VILA FLORESTA.

A todos vocês agradecemos. E agora, uma sugestão: leiam a última página e nos mandem a história inventada por vocês, tá?



# a professora de horizontologia

Fernanda Lopes de Almeida

Já tinha parado a chuva e Clara Luz estava louca que a Gota voltasse. Felizmente a Fada-mãe veio com uma novidade:

— Minha filha, hoje vem uma professora nova. Você vai ter a sua primeira aula de horizontologia.

— O que é isso?

— É saber tudo sobre o horizonte. As crianças lá da Terra aprendem geografia. As fadas aprendem horizontologia.

— Acho que vou gostar dessa aula — disse Clara Luz.

O sininho da porta bateu: era a professora que vinha chegando. Clara Luz correu ao encontro dela:

— Bom dia! Estou louca para aprender tudo sobre horizontes!

— Que bom! — respondeu a professora. — Gosto de alunos assim entusiasmados.

A professora era uma fada muito mocinha, que tinha acabado de se formar em professora de fadinhas. Sabia horizontologia na ponta da língua.

A Fada-Mãe ofereceu um cafezinho de pó-da-meia-noite e depois deixou Clara Luz e a Professora sozinhas.

— Muito bem — disse a Professora. — Primeiro quero ver o que você já sabe. Sabe alguma coisa sobre o horizonte?

— Saber, mesmo, não sei, não. Mas tenho muitas opiniões.

— Opiniões?

— É, sim. Quer que diga?

— Quero — respondeu a Professora, muito espantada.

— A minha primeira opinião, é que não existe um horizonte só. Existem muitos.

— Está enganada — disse a Professora. — Horizonte é só um!

— Eu sei que todos acham que é só um. Mas justamente vou escrever um livro, chamado Horizontes Novos.

— Você vai escrever um livro? — perguntou a Professora, cada vez mais admirada.

— Vou. Eu acho que criança também pode escrever livros, se quiser, a senhora não acha?

— Acho, sim.

— Pois nesse livro eu vou dizer todas as minhas idéias sobre o horizonte.

— São muitas? — quis saber a Professora.

— Um monte. Por exemplo: eu acho que nós duas não devíamos estar aqui.

— Ué! Devíamos estar aonde então?

— No horizonte, mesmo. Assim, em vêz da senhora ficar falando, bastava me mostrar as coisas e eu entendia logo. Sou muito boa para entender.

— Já percebi — disse a Professora.

— Tenho muita pena das professoras, coitadas, falam tanto!

— É verdade — respondeu a Professora, com um suspiro.

Clara Luz ficou muito contente:

— Então, se está de acordo, porque não vamos para o horizonte já?

A Professora levou um susto:

— Não pode ser!

— Por que?

— Não sei se é permitido... Não foi assim que eu aprendi a horizontologia no colégio...

— Por isso é que a senhora é tão magrinha.

— Hein?

— Coitada, levou anos aprendendo horizontologia sentada!

A professora levantou-se de repente:

— Sabe de uma coisa? Vamos!

Clara Luz ficou radiante:

— Eu sabia que ia gostar dessa aula.

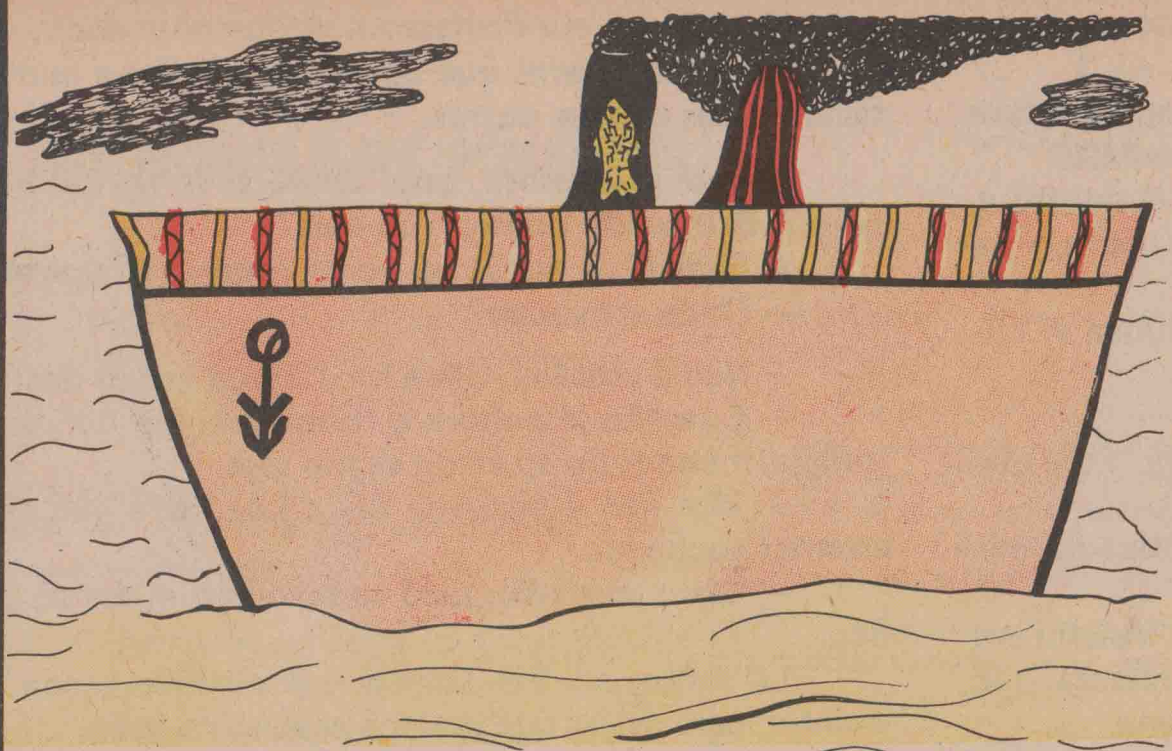
E foram.

— Viu como é fácil ir? — perguntou Clara Luz, enquanto voavam de mãos dadas.

— É mesmo. Nunca pensei que fosse tão fácil! — respondeu a Professora.

Ela passava o dia dando lições para sustentar a mãe, uma fada velhinha, que já não podia trabalhar nem fazer mágicas. Ganhava vinte estrelinhas por aula e não tinha tempo para passeios.





Agora, com o ar puro lhe batendo no rosto, estava até mais coradinha.

A Professora foi a primeira a pular sobre o horizonte. Estava tão alegre que se esqueceu de que era professora e saiu aos pulos, com os cabelos voando:

— Viva! Estou no horizonte!

Clara Luz foi atrás, também muito contente.

— A senhora é bem bonita, sabe? — disse Clara Luz.

— Acha? — perguntou a Professora com um sorriso.

Nisso, chegaram.

Um navio ia justamente aparecendo no horizonte.

— Aproveite! — gritou Clara Luz.

A professora aproveitou. Segurou o navio na mão, como se ele fosse um brinquedo.

O navio ia cheio de gente, que estava voltando da Europa, mas ninguém percebeu o que estava acontecendo. Só ficaram todos alegres. E o comandante resolveu dar um baile.

A Professora, em criança, nunca tivera brinquedos, porque era muito pobre. Ficou encantada.

— Olhe só, que gracinha. Estão dançando lá dentro!

Ela se sentia como as crianças, quando vão ao teatrinho de bonecos.

Ficaram as duas se divertindo, muito tempo, com aquele teatrinho.

Depois, a Professora colocou o navio no mar, com tanto cuidado que não levantou a menor ondinha.

E o navio, assim que saiu do horizonte, virou navio grande de novo, cheio de gente grande.

A professora, agora, estava coradíssima e com os olhos brilhando. Ter um brinquedo tinha feito um bem enorme a ela.

— Vamos brincar de escorregar no arco-íris? — convidou Clara Luz.

Dessa vez a Professora nem se lembrou de pensar se seria permitido ou não.

Foi logo subindo por um lado do arco-íris e escorregando pelo outro, com os braços no ar.

— Lá vou eu!

No princípio, como não tinha prática, escorregava muito desajeitada e Clara Luz morria de rir.

Mas logo se habituou e mostrou que tinha um jeitinho louco para escorregar no arco-íris. Escorregava de costas, de frente, de pé e até dançando.

Clara Luz fazia tudo para imitá-la mas a verdade é que não conseguia tão bem.

Tinha acontecido uma mágica com o cabelo da Professora: agora estava dividido em duas tranças, igualzinho ao que ela usava quando tinha dez anos.

Clara Luz estava notando isso, mas não disse nada. A professora ainda não tinha percebido o que lhe acontecera.

— Agora — disse Clara Luz, — a senhora não quer dar uma espiada nos outros horizontes?

— Que outros, querida? Só existe um.

— Então olhe para lá!

A Professora, que só estava olhando para cá, concordou em olhar para lá já que Clara Luz fazia questão.

E viu mais de dez horizontes, um depois do outro.





— No horizonte mamãe. Essa Professora não ensina falando, não. Ela ensina indo.

A Professora encabulou: só agora reparara que estava de trancinhas. Que iria pensar a Fada-Mãe?

Mas a Fada-Mãe não era boba: foi lá dentro e, em vez de vinte estrelinhas, trouxe trinta, para o pagamento.

— Muito obrigada — disse ela. — Nunca vi minha filha gostar tanto de uma lição.

A professora não quis receber:

— Não vou cobrar nada por essa aula. Eu é que aprendi muito com a sua filha.

— Não acredite, mamãe! Ela é a Professora melhor que eu já tive.

A Fada-Mãe já tinha percebido isso. Insistiu em pagar as trinta estrelinhas e pediu à Professora que não deixasse de voltar, duas vezes por semana.

Clara Luz e a Professora voltaram voando, rindo da cara das fadas que abriam as janelas e comentavam umas com as outras:

— Que professora, essa! Onde já se viu dar lição assim? Brincando no meio da aula?

A Fada-Mãe estava na porta, esperando por elas.

— Onde estiveram?

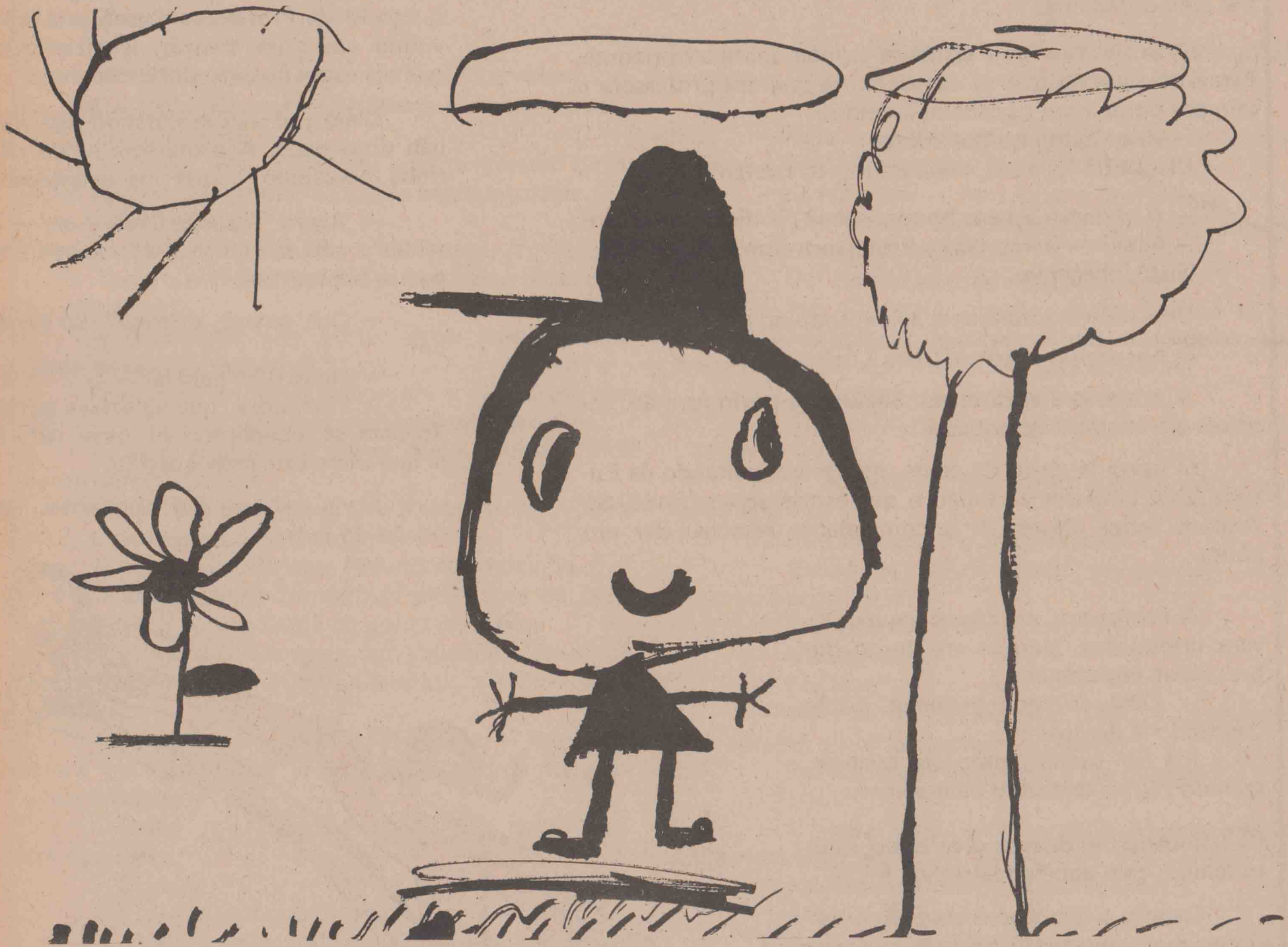
— Não é possível, Clara Luz. Estou vendo dez!

— É, então a senhora é formidável em horizontologia, mesmo. Eu só estou vendo sete.

— Mas não é possível, Clara Luz. Será que não estamos sonhando?

— Claro que não. Está sonhando é quem só vê um.

Lá longe, na Via Lactea, a Fada-Mãe tocou o sininho, para avisar que já tinha acabado a lição.



Nesse mundo quem mais brinca, são as crianças, quem mais descobre coisas são as crianças. Elas são pequenas e entram em lugares que os adultos grandes não entram. As crianças também tem os olhos mais perto da terra que os adultos. Énfim, tudo aquilo que as pessoas grandes dizem que já conhecem, as crianças fazem questão de ver tudo elas mesmas, porque sempre elas descobrem coisas novas. Os grandes nunca conseguem dizer tudo. As histórias das crianças são di-

ferentes das histórias dos adultos.

O nome desse menino ninguém sabe. Ninguém lembra mais a história dele. Mas todo mundo sabe que ele deve ter um nome e uma história.

Você poderia contar uma história que aconteceu com esse menino e também dizer o nome dele. É fácil. Invente a historinha e mande p'ra nós, tá?

**Equipe:**

Viro F. Frantz

Moacir de Lima

Wally Arns

**Escolinha de Arte da  
FIDENE**





## INSCRIÇÕES PARA A FEIRA DE TERNEIROS

Tendo por objetivo desenvolver o comércio de terneiros no período de outono, visando antecipar a idade convencional da desmama, a Secretaria da Agricultura, através da Unidade de Extensão Zootécnica, já programou 5 Feiras para o próximo ano. As inscrições para a aquisição de terneiros podem ser feitas a partir deste mês, encerrando-se em 15 de março.

O local das inscrições será na Inspetoria Zootécnica de Ijuí, que funciona junto ao Departamento Técnico da COTRIJUI.

### DETALHE DAS FEIRAS

LOCAL	DATA
Rosário do Sul	19 a 21 de abril
São Borja	3 a 5 de maio
Santa Maria	17 a 19 de maio
Pelotas	31 de maio a 2 de junho
Carazinho	14 a 16 de junho



Como se observa na tabela acima, cada feira terá uma duração de 3 dias, sendo que o primeiro dia será para o recebimento, o segundo para comercialização e o terceiro para retirada.

O espaço entre as feiras será de 15 dias. O número mínimo de animais que poderão ser adquiridos será em função dos lotes, que poderão variar de 20 a 30 terneiros.

A primeira Feira, realizada

em fins de maio deste ano, na cidade de Carazinho, apesar da pouca experiência, a maioria dos compradores estão tendo resultados satisfatórios. Nas propriedades que possuem boa quantidade de pastagens de inverno, os terneiros chegaram a ter um ganho médio de 900 gramas por dia.

Para que no próximo ano todos os compradores tenham um bom resultado com o engor-

de dos terneiros, é importante que comecem a se preocupar com o estabelecimento de pastagens de inverno, como azevém, aveia, centeio, bem como conservar alguma forragem em forma de feno ou silagem.

Para maiores esclarecimentos sobre as Feiras, bem como para a orientação sobre o plantio das pastagens, os interessados poderão se dirigir ao Departamento Técnico da COTRIJUI.

## DESCOBERTA NOVA FÓRMULA PARA FABRICAR LEITE DE SOJA

O agrônomo Eliseu Castanho de Andrade, da Divisão Regional e Agrícola de Campinas, vem de divulgar uma fórmula para fabricação do leite de soja, a partir da qual é possível obter um produto inodoro — sem o característico cheiro de linhaça — e dotado de 4 por cento de proteína, sete aminoácidos, gordura, sais minerais e lecitina.

### O PROCESSO

Segundo o agrônomo Eliseu Andrade "as sementes de boa qualidade, depois de escolhidas, devem ser lavadas e imediatamente enxugadas em panos, ao sol ou ao ar quente. Elas não podem ser colocadas de molho durante tempo algum.

Logo após enxugadas, as sementes devem ser passadas por um moinho manual de moer cereais, de dois discos frontais, ranhuras tipo

Eberle, regulado de maneira que a distância entre os respectivos discos possibilite somente a descascagem do produto, quebrando-o um pouco.

As sementes partidas e as cascas são, a seguir, póstas em uma peneira de arame, com malha fina e, por abanação, a casca é separada com facilidade permanecendo em seu interior apenas os grãos quebrados. Essa semente, já descascada, é colocada no mesmo moinho — que, por regulagem simples, deve ficar com os discos bem próximos — e moída, produzindo uma farinha da grossura média da farinha de mandioca".

### FERVURA

"Em uma panela de boca larga, deixa-se fervendo uma quantidade de água que seja igual a 8 vezes o volume da semente que se utilizou.

A farinha é colocada de uma vez em água em ebulição, deixando ferver e mexendo-se o produto durante 15 minutos.

Existindo liquidificador de copo de alumínio ou plástico, resistente ao calor, coloca-se de uma vez, com uma concha, no liquidificador, a mistura que está a ferver, até que encha a metade do copo. Isso feito, ela terá de ser batida durante 2 ou 3 minutos".

### O LEITE

"O material obtido no liquidificador (ou na máquina de moer carne, ainda quente, é espremido com torções em um coador de musselina de algodão, ou por meio de um espremedor de crivos bem finos, recolhendo-se a emulsão leitosa em uma panela de boca larga.

Nessa emulsão, junta-se uma pitada de sal de cozinha e, para cada xícara de chá de semente empregada, adiciona-se uma colher de sopa, das rasas, de açúcar refinado.

Esse leite é colocado a ferver em banho-maria, mexendo-se de vez em quando para não formar nata.

Terminada a fervura, mede-se o volume do leite obtido, que deve ser completado com água fervente para dar volume de seis vezes o da semente utilizada.

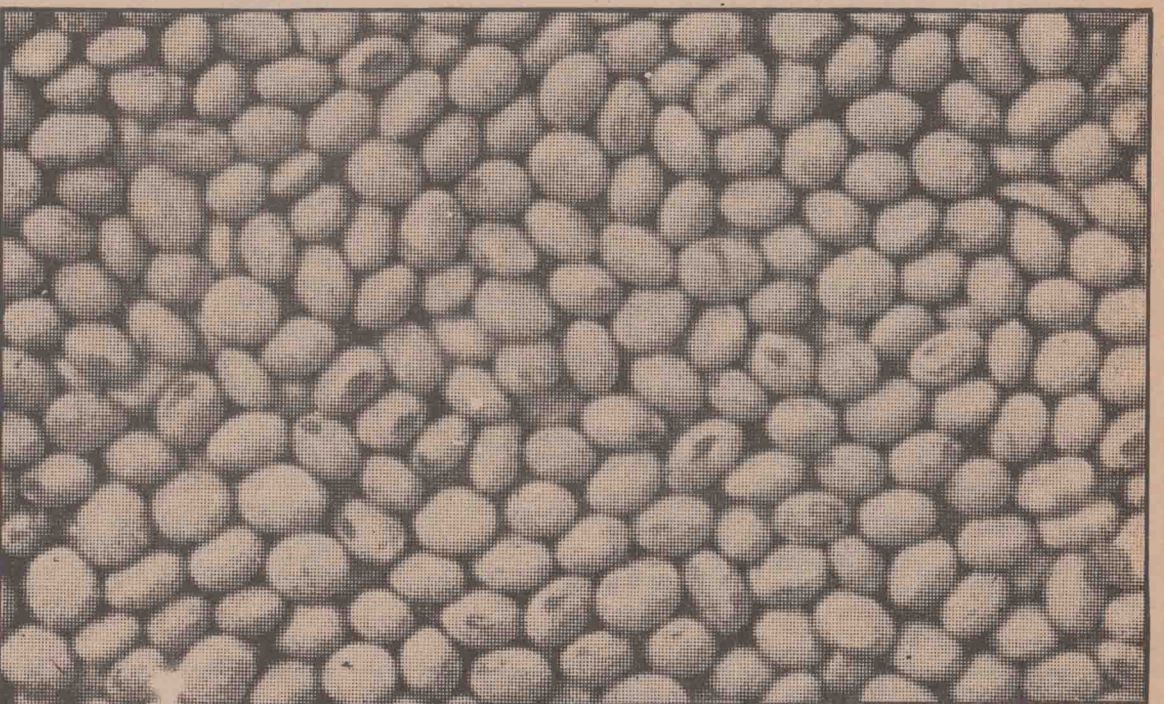
Posteriormente, acondicionado em vasilhas escaldadas e fechadas, é colocado na geladeira, local em que estará conservado, pelo menos por um período de quatro dias, sem que se perca seu alto valor alimentício".

### VANTAGENS

O leite de soja, assim produzido, de acordo com o agrônomo Eliseu Castanho de Andrade, além de apresentar as vantagens já citadas — ausência de odor e alto teor de proteína, aminoácidos, gordura, sais mi-

erais e lecitina — em face do processo de fabricação assegura um grau de pureza e higiene nem sempre possível de ser proporcionado pelo leite de vaca.

Acrescenta o agrônomo paulista que o leite de soja, por si só, ou misturado à farinha de trigo para o fabrico de pão, bem como sob forma de queijo ou creme, poderá vir a se constituir numa arma de importância excepcional, principalmente no combate à desnutrição infantil.



### ASSOCIADO!

COTRIJORNAL é a comunicação ao seu serviço.

Reclame se ele não estiver chegando às suas mãos.



# ASSINATURA DO LIVRO DE MATRÍCULA

São convidados a comparecer no escritório da Cooperativa na cidade de Chiapeta, no período de 10 a 30 do corrente mês de dezembro, os associados abaixo relacionados, todos eles residentes no referido município, na cidade ou no interior. Todos devem levar, no ato, duas fotografias de tamanho 3 x 4, para a confecção do cartão social. É a seguinte a nominata dos associados do município de Chiapeta:

NOME	MATRÍCULA	ENDEREÇO	FOLHA-LIVRO
ABEL SALDANHA MARTINS	8505/608	As Brancas	146-36
ALBANO ADOLFO HOPPEN	8602/603	Rincão da Lage	043-37
ALBERTO PAULO MARON	8271/607	Faxinal	112-35
ALBERTO WOLLMER	8318/603	As Brancas	159-35
ALBINO ANTONIO VIECILI	8605/602	Rincão dos Temattos	046-37
ALBINO RITTER	8607/605	Linha Maurício Cardoso	048-37
ALEXANDRE DELGADO	8704/600	Coxilha Bonita	145-37
ALEXANDRE STOPILHA	5624	Chiapeta	177-23
ALFREDO ALBERTO INHERESKI	8701	Vizinhoal n° 2	142-37
ALFREDO ROSIN	8333/602	Rincão da Lage	174-35
ANSELMO RAISDORFER	8227/608	Vila São José	086-35
ANTONIO BERNARDI BOIARSKI	8319/600	São José	160-35
ANTONIO COSSETIM	9427/600	Ponte do Buricá	068-41
ANTONIO FRANCISCO MABONI	8317/607	Vila Nova	158-35
ANTONIO JULIANE	8650/606	Linha Iracema	091-37
ARLINDO ROSINKE	5580	As Brancas	123-23
ARMINDO ALBERTO DürKS	5212	Chiapeta	054-21
ARMINIO ALBERTO DALFERTH	8225/605	Linha Maurício Cardoso	066-35
ARNALDO MABONI	8224/609	Linha Iracema	065-35
ARNILDO LUIZ DA COSTA	8656/606	Chiapeta	097-37
ARNOLDO BERNARDO DERLAN	8472/602	Linha Modesta	113-36
ATILIO SCHOSSLER	5096	Chiapeta	138-21
BASTIÃO VELOSO DA CRUZ	9424/601	São Judas	065-41
BRAULIO IZAIAS DA SILVA	8415/602	Linha Iracema	056-41
CELSO MABONI	7944/608	Vila Nova	185-33
CLARIMUNDO DERLAN	8223/602	Vizinhoal n° 4	064-35
CLAUDINO SELKE	8705/607	As Brancas	146-37
DELMO PEDRO WAGNER	8608/601	As Brancas	049-37
EDGAR WALTER WEBER	8286/604	Linha Modesta	127-35
EDISON AUGUSTO HILLER	9418/601	Raul Oliveira	059-41
EDUARDO MOTIONE	8284/601	São Judas	125-35
EGÍDIO DRESSELER	8706/603	Coxilha Bonita	147-37
ELIAS DA SILVA CORTES	8282/609	Linha Iracema	123-35
ELIZIO ALVES DA SILVA	8732/604	Linha Iracema	173-37
ELVINO WAGNER SOBRINHO	8220/603	São Judas	061-31
EMILIO DOMINGOS VIEIRA	8603/600	São Judas	044-37
EMILIO ORTMANN	8703/604	São Judas	144-37
ERICH EICKHOFF	8221/600	Vila Nova	062-35
ESTANISLAU STAMBOROSKI	8504/601	As Brancas	145-36
EVALDO POMMER	8609/608	Linha Maurício Cardoso	050-37
EVALDO RICK	8308/608	Chiapeta	149-35
FELIPE SARDI BRUXEL	8273/600	Linha Iracema	114-35
FLORENTINO MARIANO DA SILVA	8658/609	As Brancas	099-37
FRANCISCO DELLA TORRE	8600/600	Linha Iracema	041-37
FREDERICO DASSOW FILHO	8653/607	Linha Modesta	094-37
GENESIO RODRIGUES DA SILVA	8601/607	Linha Modesta	042-37
GENTIL FERRAZZA	8310/602	Chiapeta	151-35
GETULIO OLINDO BERLAMINO	8219/605	Linha Iracema	060-35
GUILHERME DASSOW	7946/600	Linha Modesta	187-33
GUILHERME SAVARIS	8700/605	Thomasio de Carvalho	141-37
HELMUTH JUNG	9413/600	Vacinal n° 2	054-41
HUGO HOPPE	8606/609	Avenida Ipiranga	047-37
IDO HOPPEN	9417/605	As Brancas	058-26
ILONA RODRIGUES	8702/608	São Judas	143-37
IVO ARNT	8657/602	Linha Modesta	089-37
IVO BARTH	8280/606	São José	121-35
JOÃO CIOTTI	8604/606	Vizinhoal n° 4	045-37
JOÃO CILCEU DELGADO	8655/600	Coxilha Bonita	096-37
JOÃO GROTT	8309/604	São José	150-35
JOÃO MATTIONI	8283/603	São Judas	124-35
JOSÉ CLAUDIO WEBER	8113/602	Vizinhoal n° 2	154-34
JOSÉ MATTIONI	8285/608	São Judas	126-35
LEOPOLDO ALBERTINO FRIDRICH	8730/601	As Brancas	171-37
LOURENÇO STRADA	9412/603	Chiapeta	067-41
LULU POMOVER	9426/604	Vila Nova	067-41
LUIZ PITOL	8281/602	São Judas	122-35
LUIZINHO FERNANDES ENEAS	8503/605	Chiapeta	144-36
MARIO GUARDA MOYA	8654/603	São Judas	095-37
MILTON DA SILVA PRESTES	8652/600	São Judas	093-37
NATAL MAÇALAI	9423/605	São Judas	064-41
RENATO LEMOS SCHMADECKE	9421/602	São Judas	062-38
RODOLFO INHERASKI	8708/606	Linha Modesta	149-37
ROMEO BACKES	8736/600	Linha Iracema	177-37
SANTO PERETTI	8097/607	Linha Iracema	138-34
SÉRGIO BREZINSKI	9422/602	Vila Nova	063-41
SÉRGIO TROCHA	8739/609	As Brancas	180-37
SIGMUNDO POMMER	7948/603	São Judas	189-33
SILVIO STRADA	9416/609	Linha São José	057-41
THEÓFILO DA ROSA FRANCO	6625	Avenida Ipiranga	172-27
VALDEMAR CIMANN	8551/604	Linha Maurício C.	092-37
WALDEMAR ROTH	8218/609	Chiapeta	059-35
VALDIR EVALDO SEIFERT	9414/606	Coxilha Bonita	055-49
WILMUTH SPENGLER	9411/607	Vizinhoal n° 4	052-41



## CLASSIFICAÇÃO DE SEMENTES

Tendo em vista as solicitações feitas pelos associados para que a COTRIJUI realize o trabalho de classificação de sementes para os associados que utilizam somente própria, o Departamento Técnico resolveu o seguinte:

- 1 - Atender essa solicitação nas instalações que possuem máquinas adequadas para essa finalidade, nas localidades de Ijuí, Santo Augusto e Tenente Portela.
- 2 - Realiza também junto com esse trabalho, a amostragem e análise da semente classificada, a fim de que o associado saiba realmente o poder de germinação de sua semente;
- 3 - Ficará estabelecido um período posterior à classificação da semente da COTRIJUI, para a realização desse trabalho aos interessados.
- 4 - Esse período dividido em sub-períodos com o número de variedades, a fim de que o associado traga sua semente, à Cooperativa, aguarde a sua classificação e leve de volta na mesma condução.

Nossas máquinas possuem capacidade suficiente para realizar a classificação de uma carga de semente em 1 (uma) hora.

- 5 - Será cobrada uma taxa para cobertura dessas despesas, cujo valor será dado conhecimento junto com a programação de trabalho.

## CAMPANHA DE COMBATE A BRUCELOSE BOVINA

A partir de janeiro do próximo ano, a Campanha de Combate a Brucelose bovina será estendida a esta região, compreendendo os municípios de Ijuí, Ajuricaba e Augusto Pestana.

A declaração foi feita pelo médico-veterinário Otaliz de Vargas Montardo, inspetor veterinário da Secretaria da Agricultura em Ijuí.

Essa campanha que é promovida pela Secretaria da Agricultura em convênio com o Ministério da Agricultura, já vacinou até o momento cerca de 700 mil terneiras na idade de 3 a 8 meses, idade ideal para a imunização contra a brucelose bovina.

A brucelose é responsável pelo baixo desfrute do rebanho do gado no nosso Estado, em vista de provocar o aborto nas vacas e a morte de terneiros recém nascidos. A brucelose também ataca a saúde do homem, pois o leite cru ou mal fervido transmite a doença do animal para a pessoa que tomar o leite.

## BOM O ESPECÍFICO DO TRIGO COLHIDO NA SAFRA

Durante o mês de novembro, processou-se a colheita da safra tritícola 1973-1974. Com a produção colhida e grande parte já entregue à cooperativa, constata-se que a safra foi de regular para boa, mantendo-se as médias de produção em nossa região.

Até o dia 28 de novembro quando encerramos a redação do COTRIJORNAL com a matéria correspondente a esta edição, as unidades da cooperativa haviam recebido mais de 2 milhões de sacos de trigo. Esse volume de trigo recebido pela COTRIJUI, significa a maior parte da produção de vários municípios da região, onde se destacam Ijuí, Tupanciretã, Augusto Pestana, Ajuricaba, Santo Augusto, Chiapeta, Coronel Bicaco e Tenente Portela.

Em nossa próxima edição, correspondente ao mês de janeiro, estaremos focalizando com detalhes, unidade por unidade, as quantidades recebidas pela cooperativa na safra de 1973/1974.

O que se pode antecipar é a boa qualidade do produto recebido, tanto do trigo destinado à comercialização como aquele que será conservado para semente.

Na foto que ilustra este texto, aparece o vão central de armazém de semente, localizado em Ijuí.



## CURSO DE INSEMINAÇÃO EM BOVINOS

Foi realizado entre 5 e 24 de novembro último, um curso de inseminação artificial, desenvolvendo-se a parte teórica no IMERAB e a parte de prática na granja do sr. Alceu Carlos Hickembick, na localidade de Barreiro.

O curso foi realizado com a participação do Exército, através do 27º GAC, aproveitando um convênio existente entre aquela unidade militar e o SENAI, aproveitando-se instrutores da COTRIJUI, Secretaria da Agricultura, Inspetoria Veterinária de Ijuí e Prefeitura Municipal de Ijuí, através do IMERAB, através dos seguintes médicos-veterinários e técnicos: Waldir Groff, Voleny Nemütz, Otaliz de Vargas Montardo, Luiz Carlos Ma-

chado Dias e Sady Nunes Medina e ainda o inseminador Hermes Natal Vanzip.

Os instrutores, em número de 12, eram quase que totalmente militares lotados no 27º Grupo de Artilharia de Campanha, sediado em Ijuí.

A nominata dos instrutores, é a seguinte: Alfredo Soares Rodrigues, Diomar Pereira da Silva, Eugênio Luiz Pedroti, Elio Luiz Konageski, José Marques de Oliveira, José Luiz Ba-

tista, Luiz Carlos Moreira Bonacorso, Luiz Carlos Antunes de Almeida, Mário Luiz Pereira e Valdir Moraes. Os civis são, Ari Tadeu Ristow e Adão de Couto Silveira.

Vários cursos de especialização tem sido realizados na região visando capacitar elementos para as atividades pecuárias e agrícolas. Ainda em nossa edição anterior destacamos um curso promovido para agricultores no vizinho município de Augusto Pestana, onde as aulas práticas foram dadas na propriedade do sr. Alfredo Driemeyer, conselheiro da COTRIJUI. Ao final daquele curso, um total de 20 jovens participantes foram aprovados no curso.



# CUIDADO COM OS RATOS: SÃO PORTADORES DE PESTE E COMEM SEUS LUCROS



Os ratos, além de serem roedores de alta periculosidade, destruidores insaciáveis, são ainda transmissores de várias doenças. Por essa razão, ficar indiferente à proliferação de ratos na propriedade, é muito perigoso.

Proporcionar alimentos e abrigo para ratos na propriedade, sempre traz prejuízos de grande monta.

Os cereais constituem-se em alimento favorito desses roedores.

Um rato adulto come cerca de 40 gramas por dia. Logicamente, esse volume, considerado unitariamente, não chega para causar impressão. Ocorre que os ratos tem enorme capacidade de reproduzir-se. Um casal de ratos pode se transformar numa colônia em pouco tempo. E uma colônia de ratos causa enorme prejuízo econômico além desses roedores serem transmissores de doenças.

Devido ao rápido processo de reprodução, esses roedores podem assumir velozmente as proporções de uma praga. Assim sendo, é necessário que se permaneça em alerta contra esses roedores.

## QUASE INVISÍVEIS

Ariscos, de hábitos noturnos, eles custam a demonstrar a presença nas propriedades, tornando-se difícil as vezes localizá-los. Mas mesmo que você não o veja, esteja certo que eles estão comendo os seus lucros.

Especialistas da Universidade de Iowa, nos EUA,

estabeleceram, após amplas pesquisas, a seguinte norma prática para calcular a população de ratos numa granja: Nenhum rato visível e apenas sinais de sua presença, de 10 a 100 ratos; ratos ocasionalmente vistos durante a noite, 100 a 150 vistos todas as noites e ocasionalmente durante o dia, de 500 a 1.000. Quando inúmeros ratos aparecem durante a noite e também são vistos frequentemente durante o dia, pode se prever uma quantidade de 1.000 a 5.000, na granja.

Os ratos não são nada exigentes quando a acomodação. Necessitam apenas de um lugar onde possam ficar ocultos; onde possam ficar em tranquilidade para crescer, reproduzir-se. Além de um "lugar oculto", precisam só de água e comida. Essas necessidades tão simples, tornam as granjas e as propriedades rurais, locais ideais para os ratos viverem e se multiplicarem.

## DOENÇAS

Além dos prejuízos decorrentes da ação dos roedores nos produtos armazenados — pelo que consomem e pelo que estragam — há ainda outro problema geralmente de maior extensão: as doenças que transmitem. Os médicos-veteri-

nários admitem que as perdas devida a determinadas doenças são mais frequentes em granjas que abrigam grande número de ratos.

Esses roedores portam geralmente organismos patogênicos sem apresentar qualquer sintoma da doença. Determinados tipos de bactérias são transmitidos através da mordida, saliva ou excrementos (fezes) dos ratos.

## COMO EXTERMINÁ-LOS?

O Extermínio de uma colônia de ratos não é fácil. Matá-los é a medida lógica, mas representa uma medida temporária.

Novos ratos aparecerão na propriedade se as condições lhes forem favoráveis à sua existência.

As granjas, pela sua própria natureza, atrairão os ratos, a menos que precauções adequadas sejam adotadas. Para um extermínio completo e proteção contra o reaparecimento, é preciso negar alimento e abrigo aos ratos.

É claro que isso não será medida fácil, pois os ratos são tremendos roedores, capazes de destruir materiais de construção sólidos além de saltar distâncias e galgar alturas com extrema facilidade. Contudo, apesar das dificuldades, algumas medidas devem ser consideradas. Qualquer barreira que impeça o acesso do rato à comida ou ao abrigo, ajuda a reduzir a procriação desses roedores, que em condições normais, se processa de maneira explosiva.

A proteção aos galpões com cereais se consegue com uma barreira subterrânea, até uma profundidade de 60 cm em torno das paredes externas dos galpões.

Essa barreira deve ser a continuação da parede dentro da terra. Concreto ou tijolo liso, são materiais adequados. As portas e janelas devem ser protegidas, pois eles penetram por aberturas incrivelmente pequenas.

# CONSUMO DE ADUBOS E NUTRIENTES NO BRASIL

Participando de reunião na Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul em agosto último, o presidente da Associação Nacional para a Difusão de Adubos, sr. José Drummond Gonçalves, afirmou que o uso de adubos e nutrientes em geral para a lavoura vai num crescendo, podendo se antecipar que em 1980 o consumo per capita será de 80 quilos por hectare.

Disse que em 1972 o país consumiu 4 milhões de toneladas de adubos e 1,7 milhão de toneladas de nutrientes, numa média de 22,7 quilos por hectare. Em 1973, pode-se considerar o crescimento de consumo a uma média de 20 por cento. Salientou que a região Centro-Oeste, o Paraná e o Rio Grande do Sul, tornar-se-ão não só o celeiro do Brasil, mas terão grande importância no abastecimento de vários países do mundo.

Comparando os custos de produção agrícola e o transporte da região Centro-Oeste com o sul do Brasil, relacionou o uso de fertilizantes, sementes e melhorias de linhagem como fatores que determinam uma melhor produtividade na última região, apesar das terras já desgastadas e de maior custo do hectare. "As terras do Oeste apresentam as-

pecto positivo quanto ao seu pouco desgaste e ao custo barato, mas o problema da falta de estradas para o escoamento equilibra as possibilidades das duas regiões".

Drummond Gonçalves disse ainda, que dos 4 milhões de toneladas de fertilizantes consumidas no ano passado, apenas trinta por cento foram de produção nacional, sendo os restantes setenta por cento importados. "Porém, disse, em 1976, em função de projetos já aprovados na área de nitrogênio, fosfatos solúveis e amônia, no Rio Grande do Sul, prevemos uma redução das importações para cinquenta e cinco por cento. Há também em Sergipe uma jazida de potássio com 10 milhões de toneladas, ainda não explorada por falta de tecnologia nesse ramo em nosso País, o que o Governo vem tratando de sanar."

## VAMOS CULTIVAR UMA HORTA ?

A manutenção de uma horta doméstica, é fator de grande importância para baratear e também para enriquecer a dieta alimentar da família. Os víveres possuem as vitaminas em estado natural que o nosso organismo necessita. Manter uma horta cultivada com verduras variadas é ter ao alcance da mão, a qualquer momento, os elementos que tornam as refeições mais fartas, mais saborosas e também mais ricas em valores alimentícios. Na foto uma vista geral e um detalhe de couve, vívere que dá em abundância em nossa região, quando cultivada em terra boa e convenientemente cuidada.

